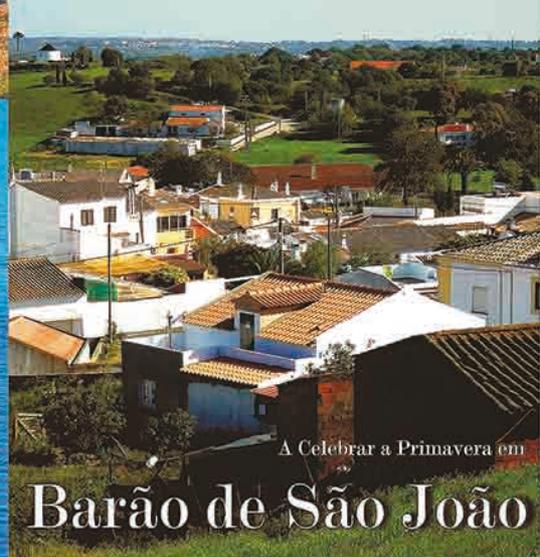


NOVA COSTA de OIRO

Edição 51 * 01 de Janeiro de 2021 * Mensal * Gratuita
Director: Carlos Mesquita

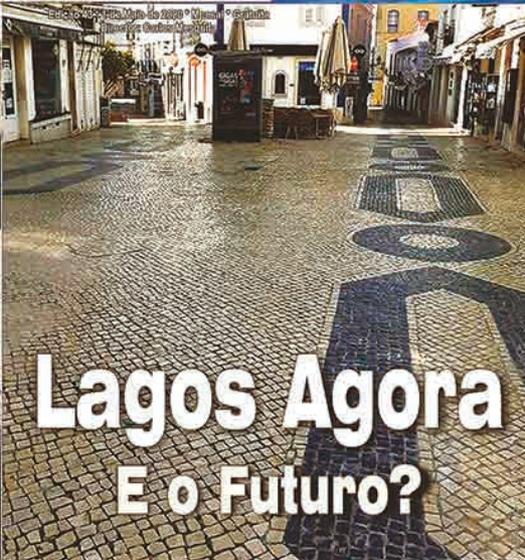
Lagos e o
Património Mundial das
Zonas Húmidas
(Convenção de Ramsar - 1971)



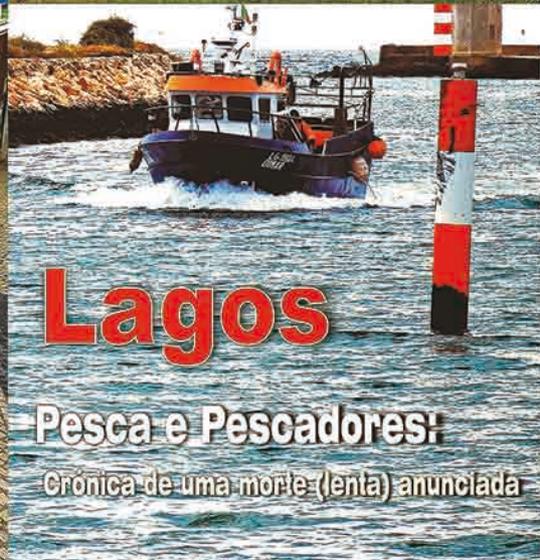
A Celebrar a Primavera em
Barão de São João



Lagos
Abril de 1974



Lagos Agora
E o Futuro?

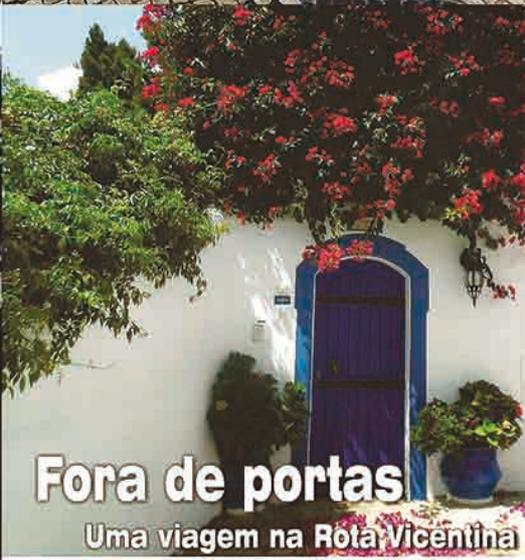


Lagos

Pesca e Pescadores!
Crónica de uma morte (lenta) anunciada



Em Lagos
Verão Ameaçado



Fora de portas
Uma viagem na Rota Vicentina



Património em Lagos
Desleixo e abandono (parte I)

12 meses em revista



Património em Lagos
Desleixo e abandono (parte II)



Porto de pesca de Lagos
O principio do fim?



Caso único em Portugal!
O Bairro SAAL 25 de Abril,
na Meia-Praia, em Lagos

O fascinante mundo dos 'Komplyk@-dores'

SE PERGUNTAMOS a um investidor estrangeiro porque é que hesita em meter o seu dinheiro em Portugal, ele certamente referirá a burocracia, a lentidão da Justiça, a corrupção... e por aí fora, numa enumeração de obstáculos que o Estado se esmera em criar. Claro que a gravidade dessas limitações depende do que estiver em causa, mas eu estou a pensar, agora, na campanha de vacinação contra a Covid-19, que obrigará a um esforço inaudito para gerir quantidades gigantescas de informação e de meios, envolvendo MILHÕES de pessoas: e não fico nada tranquilo ao pensar que, durante todo esse processo, as nossas vidas estarão dependentes da eficácia de um Estado que é tão bom a inventar problemas quanto é péssimo a oferecer soluções — para exemplificar os quais eu escolhi três pequenas rábulas “caseiras”.

*

I — QUANDO, em tempos, me mudei para Lagos e requeri a isenção de IML a que tinha direito, vim a saber que fora recusada porque a casa constava, nas Finanças, como sendo numa determinada urbanização, enquanto eu indicara o nome da rua que se via nas placas toponímicas — uma descoordenação que eu até poderia relevar se, em seguida, não tivesse de ser eu a deslocar-me à CML para pedir uma certidão dessa equivalência! E o pior foi quando se aproximou a data-limite para pagar o imposto, o que me obrigou a voltar lá para PEDIR que apressassem “o processo” — e a resposta foi que não se podia fazer nada, e até poderia demorar 90 dias! Sucedeu que, nutrindo eu uma profunda aversão à burocracia, já antes tinha encomendado a uma solicitadora que tratasse de tudo o que pudesse — e foi ela que, sei lá como!, conseguiu obter o certificado em tempo útil.



Grafito: «Desata-te (E deixa-te de merdas)» - Mário Belém / LAC - Lagos

II — EM JUNHO de 2019, ao passar à porta da nossa Conservatória, enche-me de coragem e decidi renovar o Cartão de Cidadão. Pois, apesar de não haver qualquer alteração em relação ao anterior, fui brindado com uma espera de seis horas até ser atendido, acrescidas de três quando o fui levantar — porque, entre outros absurdos cujos detalhes aqui omito, o envio para casa não era possível. Quando, por fim, me apanhei com o cartãozinho na mão, fiz questão de perguntar se “eles” também passavam por esse inferno, o que me valeu uma resposta bem esclarecedora: «Claro que não!».

III — TODA a gente sabe que a factura electrónica é algo que só tem vantagens, quer para quem a emite, quer para quem a recebe e, obviamente, é nesse formato que eu recebo as facturas do gás, da electricidade e das telecomunicações, bem assim como as comunicações de bancos, companhias de seguros e tudo o mais... com uma gloriosa excepção: a factura do SMAS de Lagos, que continua a chegar-me em papel! Sim, trata-se de

um absurdo que remonta a Outubro de 2019, quando recebi em casa um folheto anunciando que essa possibilidade já estava disponível, para o que me eram oferecidas nada menos do que quatro formas para a passar à prática. Optei pela segunda, e esperei... Até hoje! Claro que o ‘e-mail’ foi recebido, mas ainda ninguém aprendeu, lá nos serviços, que é da mais elementar ‘netiqueta’ acusar a recepção das mensagens — e que, caso alguma coisa não esteja bem, o remetente deverá ser informado disso.

*

NESTES, como em muitos outros casos semelhantes, houve sempre quem me aconselhasse a reclamar — sugestão muito louvável, mas vinda de quem nunca o fez contra serviços públicos pois, quanto a mim, conto pelos dedos de uma mão os casos em que as minhas reclamações foram atendidas. Aliás, e quando o que está em causa é a burocracia de um Estado arrogante, o melhor a fazer é recordar Jô Soares que, encolhendo os ombros, nos lembrava que «Burocrata tem de viver...».

Carlos Medina Ribeiro

Página 02 - A Perspectiva de...

O fascinante mundo dos 'Komplyk@-dores'

Por **Carlos Medina Ribeiro**

Página 04 - Postais de Lagos

Imagens que valem mais do que 1000 palavras

Página 05 - Cidadania

Cada terra com seu uso, cada "Roca" com seu fuso

Por **Carlos Medina Ribeiro**

Páginas 08 a 19 - Tema de capa

12 meses em Revista

Recordamos as nossas edições de Janeiro a Dezembro de 2020

Páginas 22 a 25 - Gente das Nossa Terra/Lacobrigenses

10 de Outubro de 1826:

Portugal, Lagos e a Restauração da Independência

por **Artur de Jesus**

Páginas 26 e 27 - No Calendário: 27 de Janeiro

Elevação de Lagos a Cidade

Páginas 28 e 29 - Ruas da Nossa Terra

A Rua Dr. Joaquim Tello

Página 34 - Clube das Comisquices

Recordar as papas mouras em dia de morte de porco num «monte» algarvio

Por **Epicuro**

Página 35 - Aos Pais - Desafios actuais na maternidade

Por **Ana Custódio**

Página 36 - Outras Músicas

Duos, Sonatas e Serenatas, pela Orquestra Clássica do Sul, em Lagos

Página 37 - Músicas - Damos-lhe música no SPOTIFY

A playlist da Nova Costa de Oiro de Janeiro de 2021

Páginas 38 e 39 - «Quando eu era Criança»

(exclusivo da Nova Costa de Oiro)

Algumas ruas e suas gentes: a Rua da Barreira

Jogo do lenço

Por **José Francisco Rosa**

NOVA COSTA de OIRO

**Ficha Técnica:**

Director e Editor: Carlos Mesquita

Colaboradores nesta edição: Ana Custódio, Artur de Jesus, Beatriz Maio, Carlos Conceição, Carlos Medina Ribeiro, Cristina Taquelim, Marta Ferreira, Mário M. Silva, José Francisco Rosa, José Manuel Freire e José Veloso.

Proprietário: JL, Unipessoal, Lda/Carlos Conceição

Administração: Rua Dr. José Tello Queiróz, lote 14 . 1º E - 8600-707 - Lagos

Sede Social, Redacção e Editor:

Rua D. Xavier, nº 6 – 8600-754 Lagos - Telefone: 96 705 91 06 * 282 031 700

Capital Social da Empresa Proprietária:

JL. Unipessoal, Lda/Carlos Conceição com 100% do capital social

Na Internet em: <https://www.novacostadeoiro.com>

Correio electrónico: costa.oiro@gmail.com

Votos de Feliz Ano de 2021



2020 chegou ao fim, sem festa nem fogo de artifício, nem tão pouco com a companhia de um grupo alargado de amigos, tal como tinha acontecido em anos anteriores das nossas vidas.

Este foi um ano atípico, estranho, difícil para a Humanidade, face à pandemia que nos assolou. De forma geral, cumprimos com civismo e maturidade as indicações das autoridades neste momento ímpar das nossas vidas. Aguardamos, agora, com a paciência possível, certamente que com ansiedade e expectativa, mas também com alguma desconfiança, que a Ciência nos forneça a solução para retomarmos as nossas vidas na «normalidade» que vier a ser possível.

Como jornalista, deparei-me com as mesmas dificuldades com que os profissionais de outros sectores de actividade tiveram de viver. Não me foi possível fazer alguns trabalhos tão bem como desejaria, pois não... Mas, no dia 01 de cada mês, a Nova Costa de Oiro esteve sempre disponível para os nossos leitores.

Nesta edição, recordamos as nossas doze últimas publicações. Apraz-me registar que algumas situações que relatámos no último ano se podem encaminhar para uma eventual solução ou resolução, como poderá ser o do Paul de Lagos, ou o das obras no Porto de Pesca de Lagos, que já se encontram a decorrer.

Outros, pelo contrário, não têm fim à vista, como são os casos de desleixo e abandono do nosso património edificado classificado ou o do Bairro SAAL 25 de Abril, da Meia-Praia, entre outros.

Seja como for, neste momento, já estamos a planificar a nossa edição de Fevereiro, que se irá centrar nos transportes públicos do concelho de Lagos.

Por agora, ficam os nossos votos de Feliz Ano Novo! E que haja saúde!

Carlos Mesquita

Na «Nova Costa de Oiro» não se utiliza a Reforma Ortográfica de 1990-2008, indevidamente chamada «Acordo Ortográfico».

Postais de Lagos

Imagens que valem mais do que 1000 palavras

Quem anda a dormir?

Esta viatura está estacionada abusiva ou indevidamente, na Rua Dom Diogo de Sousa, em Lagos.

Em 16 de Setembro de 2020, o proprietário deste automóvel foi notificado em documento com timbre da Câmara Municipal de Lagos para «retirá-lo da via pública no prazo de dois dias, findo o qual será [seria] o mesmo removido».

Certo é que no dia 17 de Dezembro (ou seja, cerca de três meses depois do aviso), ali continuava, impávido e sereno.

Pergunta: para quê perder-se tempo com estes avisos, se depois ninguém faz nada para fazer cumprir a lei? Quem é que anda a dormir, aqui?



Está assim há anos...

Esta fotografia foi captada na Rua Vasco da Gama, em Lagos.

Há já alguns anos que as árvores que aqui estavam foram removidas (infelizmente, não conseguimos nem precisar a data da sua remoção, nem a razão porque tal aconteceu).

Certo é que já lá não estão e nem tão pouco foram substituídas por outras, eventualmente mais adequadas ao local. O que ficou sim, foram as «caldeiras» onde outrora estiveram implantadas.

Será que ao fim de vários anos ainda não houve tempo ou para se removerem as «caldeiras» ou, então, se plantarem novas árvores? E porquê?

Um acidente anunciado

Esta é uma imagem da Rua Lançarote de Freitas, em Lagos.

Recordamos que nesta artéria lacobrigense já faleceu uma cidadã, mortalmente atropelada por uma viatura automóvel. Como se pode constatar, dada a exiguidade dos passeios, os transeuntes são obrigados a caminharem na via, com risco de virem a ser vítimas de atropelamento.

Pergunta-se: não seria possível alargarem-se estes passeios, de forma a se garantir a segurança de peões e condutores? E, já agora, por que razão os buracos do pavimento são tapados com remendinhos? Alguém nos sabe explicar porquê?



Cidadania de Lagos

Cada terra com seu uso, cada “Roca” com seu fuso



«Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena» - Fernando Pessoa - *A Mensagem*

EMBORA por motivos diferentes, o Cabo da Roca e a Ponta da Piedade são dois locais notáveis: este, por ser o lugar mais belo do mundo; aquele, porque é «Onde a terra se acaba e o mar começa» — nas palavras do épico que, n’ «Os Lusíadas», assim imortalizou o ponto mais ocidental do continente europeu.

Curiosamente, tanto um como a outra tem em comum a existência de faróis de ajuda à navegação, e também o facto de, em 2013, terem ambos sido brindados com torres metálicas pertencentes ao SIVICC da GNR — o que, no caso da nossa cidade, ocorreu precisamente no ano do centenário da sua construção — um presente de muito mau-gosto, mas que, tanto quanto se sabe, foi recebido com a santa passividade com que a maioria dos lacobrigenses encara as agressões ao seu património, seja ele natural ou edificado.

Ao invés, no caso do Cabo da Roca não

faltaram os protestos cívicos contra a localização do trambolho — protestos esses que, embora na altura não tenham impedido a referida implantação, ficaram, pelo menos, nos anais de Sintra — de tal forma que ainda hoje se pode ler o relato da manifestação que lá teve lugar, a moção aprovada na Assembleia Municipal e a posição pública assumida por Basílio Horta, à época recém-eleito Presidente da Câmara.

Curiosamente, também, e ao contrário do que se chegou a pensar, essa saga ainda teve mais dois desenvolvimentos:

O primeiro (e mais importante) deu-se no dia 11 de Dezembro de 2017, quando a Mãe Natureza resolveu intervir e, com a ajuda de uma tal Ana (assim se chamava a tempestade que, nesse dia, assolou a zona), fez o que uma das imagens mostra. Nesse seguimento, e tanto quanto se sabe, o Governo ainda quis ressuscitar o cadáver, mas acabou por desistir, perante o reacender dos protestos.

O segundo foi quando, já recentemente, foi tornado público que a “Parques

de Sintra — Monte da Lua, S.A.”, encomendou à Eratel a “Elaboração de um projecto para deslocalização da antena SIVICC do Cabo da Roca”.

Tudo indica, portanto, que estão de parabéns os sintrenses, que se podem orgulhar de que a sua luta “valeu a pena” — pelo que as palavras de Camões, que figuram numa lápide existente no local, ficariam muito bem acompanhadas com as do outro grande vate, que escolhi para epígrafe. E isso não seria de todo impossível, pois as letras que as formam até já existem: são as famigeradas letras metálicas que chegaram a figurar em lugar de destaque na Praça do Infante, mas que agora devem estar disponíveis — dado que, como se sabe, foram prontamente removidas, por ter sido considerado que, apesar de dedicadas aos Descobrimientos, constituíam, na forma e no conteúdo, uma “mensagem” inapropriada... numa cidade que dá pelo nome de “Lagos dos Descobrimientos”!

Carlos Medina Ribeiro

Correio

Lagos

Números
 Contabilidade & Gestão, Lda
 Rua D. Diogo de Sousa, Lote 21 - C/V Esqº 8600-571
 LAGOS
 Telefone - 282770190 • Fax - 282770199
 E-mail: nnumeroscontabilidade@gmail.com
 Contabilidade, Geral e Analítica | Gestão de Imobilizado | Estudos
 Económicos | Salários e Gestão de Pessoal | Consultoria Fiscal |
 Apoio à elaboração de Declarações Fiscais Pessoais - IRS

Lagotec
 Informática
 Assistência Técnica
 Hardware
 Software
 Redes Informáticas
 Webdesign
 Urb. Marina Sol
 Rua Dr. José Francisco Tello Queiroz
 Lote 3 - Loja B - 8600-707 Lagos
 Tel. 282 788 304 | Tlm. 914 650 100
 e-mail: geral@lagotec.pt | www.lagotec.pt

Jornal das Terras do Infante

Director Carlos Conceição • Ano XXX • MENSAL • Edição 362 DEZEMBRO 2020 • p.v.p: 1,00€

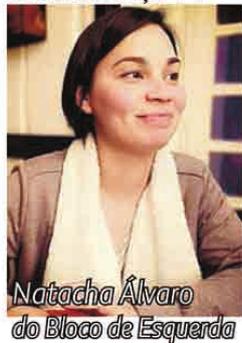


Festival da Batata-doce de Aljezur Online 2020 com os balanços de Manuel Marreiros e de José Gonçalves

Antigo e actual Presidentes da Autarquia disponíveis para concorrer às Autárquicas 2021



Conheça os Politicos da Nossa Praça págs. 18 e 19



Vila do Bispo reduz IMI e devolve totalidade do IRS às famílias em 2021



Anino Pneus Euromaster
 Emílio e Ricardo Anino: Passagem de testemunho

Paint Out Paintball Lagos «Sempre a subir»

“A Lacobrigense” Conheça os dois candidatos à liderança

PRETENDE VENDER OU ARRENDAR O SEU IMÓVEL?

282 087 152
 www.mimosaproperties.com

MIMOSA PROPERTIES

VENDA
 COMPRA
 ARRENDAMENTO
 MANUTENÇÃO
 LIMPEZA

PRESENTE EM CADA GOTA, INVISÍVEL AO OLHAR

Quem nunca se viu espelhado numa superfície de água? Sabemos que a água reflete, mas nem todos os reflexos são visíveis. Existe um outro, especial, e que está presente em cada gota desse bem que diariamente consumimos: O reflexo do nosso trabalho.

Como o investimento em infraestruturas, de captação e tratamento de água, e em vastas redes de distribuição, para a fazer chegar aos diversos municípios da região toda a água indispensável às necessidades diárias da população.

Ou em modernos sistemas de controlo da qualidade, que fizeram a Águas do Algarve ser a primeira empresa do mundo a ter a sua água certificada para consumo humano.

Ou ainda, o Investimento em sofisticadas infraestruturas de tratamento e reaproveitamento de águas residuais, contribuindo significativamente para a sustentabilidade e proteção do ambiente, com reflexo evidente na qualidade das águas balneares.

E, principalmente, a dedicação de uma vasta equipa, profissional e competente, que trabalha diariamente para que, desde a captação até à devolução ao meio ambiente, o ciclo da água seja, ele mesmo, o reflexo do melhor que se faz no Algarve, no país e no mundo.

Águas do Algarve,
o reflexo da qualidade da água no valor de uma região.

aguasdoalgarve.pt



 **ÁGUAS do
ALGARVE**
Grupo Águas de Portugal

20
Anos
2001
2021



CENTRO DE INVESTIGACAO E ANALISE AMBIENTAL, I.P.
LISBOA, 1500-814

12 meses em Revista



A capa da edição de Janeiro da Nova Costa de Oiro



Poluição sonora no Centro de Lagos



Festa de Passagem de Ano, na Praça do Infante

Escrevemos o seguinte no nosso «Editorial» de Janeiro de 2020: «Já estamos em 2020... Desejamos que o Ano Novo seja repleto de venturas e de muita saúde, para os nossos fiéis leitores, amigos e colaboradores. Mas, no fim... no fim... subsiste-nos a dúvida: virá a ser este Ano Novo de Vida Nova? Ou trará “mais do mesmo”?».

E, afinal... Não trouxe. Em meados de Janeiro desse ano, chegavam-nos notícias de uma pandemia que viria a afectar a Humanidade à escala global.

Em Janeiro de 2020, a Nova Costa de Oiro visitou o Centro Histórico de Lagos, que outrora tinha uma vida pujante de vizinhos e que hoje — tal como em muitas outras cidades, vilas e aldeias do nosso País — se encontra humanamente desertificado e com muitas habitações em ruínas. Esclarecemos que este é um fe-

nómeno centenário, complexo e difícil de se explicar exhaustivamente.

Referimos que a questão do abandono dos Centros Históricos é transversal a Portugal e a outros países, sendo muito estudado, mas sem que sejam implementadas soluções efectivas, eficazes e concretas para o combater.

Num passeio efectuado pelas ruas da cidade de Lagos, na zona habitacional dentro das muralhas que a circundam, constatámos que são muitas as casas onde já não residem pessoas. Algumas apresentam-se degradadas e em muitas outras não parece haver «sinal de vida». E são muitas e variadas as razões para esta realidade, que poderão ser resumidas de forma simplista nos seguintes factores: o congelamento das rendas (que acontece há mais de 100 anos, em Portugal), a «lei da oferta e da procura» no

mercado imobiliário e o fenómeno da «gentrificação».

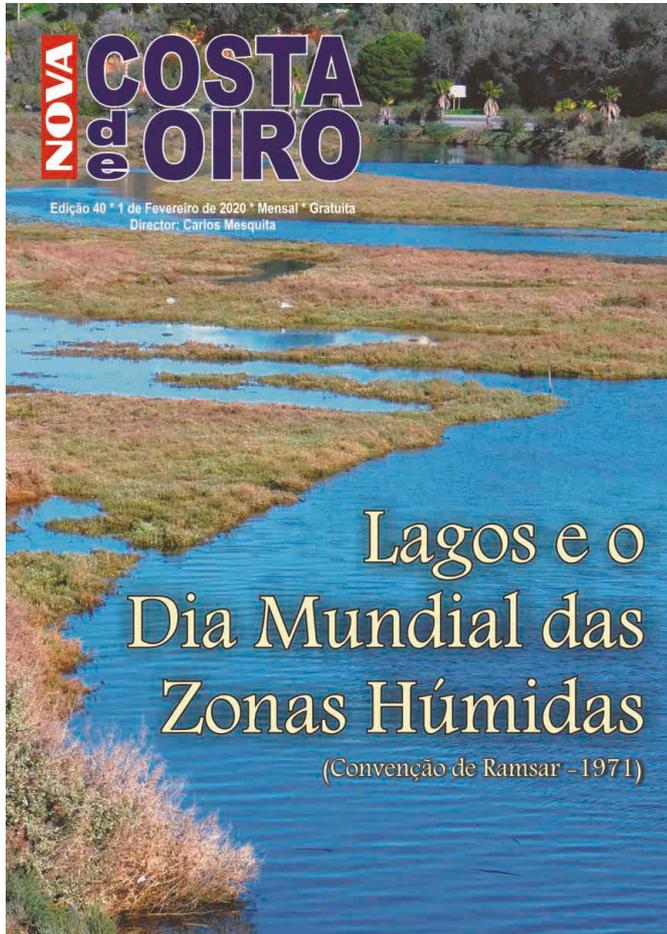
Constatámos que no Centro Histórico se verifica a desertificação humana, já que os mais jovens têm vindo a procurar melhores condições de vida noutras zonas de Lagos, sem que outras famílias tenham condições para ocupar as habitações que, entretanto, ficaram devolutas e que tal se deve à baixa oferta de aluguer de habitação permanente.

Terminámos esta reportagem com a seguinte questão: não será necessária e importante uma reflexão colectiva sobre este tema? Ou que haja uma discussão profunda e da qual resultem medidas de acção efectivas para colmatar esta clara distorção na área habitacional?

Passado um ano, verifica-se que nada foi feito no sentido de se resolver esta questão.

Fevereiro de 2020

12 meses em Revista



A capa da edição de Fevereiro da Nova Costa de Oiro

A propósito da celebração do Dia Mundial das Zonas Húmidas (assinalado a 02 de Fevereiro), o nosso artigo de fundo incidiu sobre a Ria de Alvor e o Paul de Lagos. Visitámos estes dois locais, usufruindo da sua beleza e biodiversidade.

A Ria de Alvor é o mais importante complexo estuarino do barlavento algarvio. Recordámos que no dia 2 de Fevereiro de 2005, as câmaras municipais de Portimão e de Lagos anunciaram a constituição da Associação de Municípios da Ria de Alvor, para protegerem uma área "cobiçada por grandes interesses económicos" (fonte: Público/Agência LUSA).

Esclarecemos que tendo sido constituída em 13 de Fevereiro de 2006, pouco ou nada se sabe do trabalho desenvolvido por esta Associação, sediada na Antiga Estação da CP, freguesia da Me-

xilhoeira Grande, no concelho de Portimão, com Natureza económica, social e ambiental.

Com a inércia do ICNF e da APA, tem sido «A Rocha Portugal», uma associação sediada no concelho de Portimão, que tem «encabeçado uma prolongada acção jurídica para proteger esta área contra o desenvolvimento inadequado e ilícito», até ao momento.

Percorremos parte do Paul de Lagos, tendo fotografado e filmado fauna e flora deste local. Recordámos que a vontade política de salvaguardar e promover o Paul de Lagos esteve expressa na candidatura da Câmara Municipal de Lagos ao CRESC Algarve 2020, e que contempla não só a UOPG 10 do PDM, como também as áreas adjacentes identificadas no estudo da SPEA – Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves e no Plano de Urbanização



Largo do «poço abandonado», Almádena



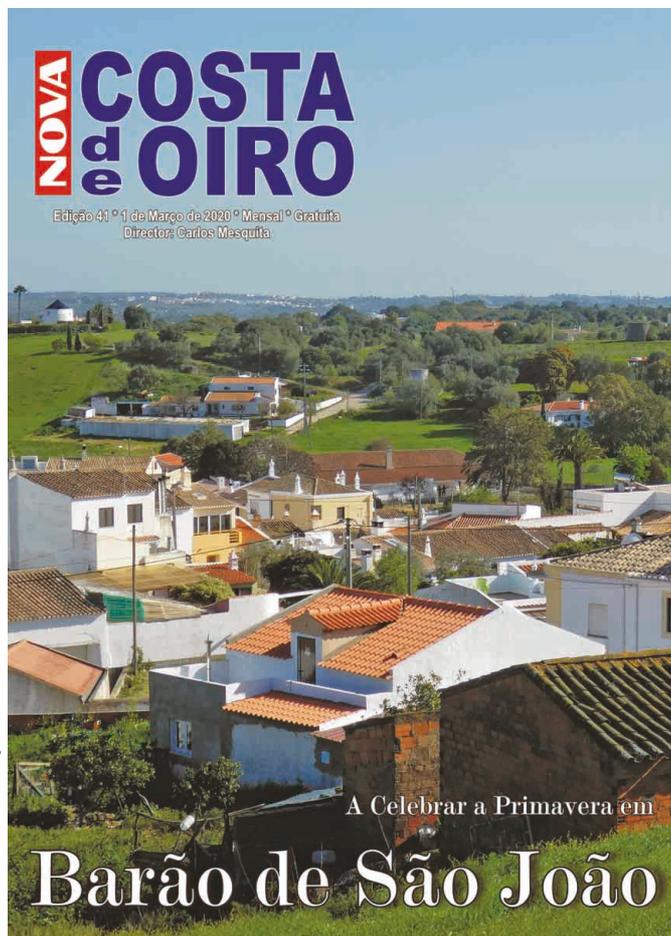
«Isto é Revista», pelos «Artistas»

de Lagos.

Em Julho de 2020, soubemos que a Câmara Municipal de Lagos apreciou e aprovou a Proposta Base do Plano de Pormenor do Paul, correspondente à sua 2.ª fase. Segundo a autarquia, «A intervenção a levar a cabo prevê, entre outras propostas, a delimitação do Paul em duas áreas de gestão e dinamização - "Zonas Húmidas Litorais" (Paul de Maré) e em "Zonas Húmidas Sub-Litorais" (Paul Doce) - , assim como a qualificação do solo em "Espaços Agrícolas", "Espaços Florestais", "Espaços Naturais e Paisagísticos" e "Espaço destinado a Equipamentos e Infraestruturas e outras Estruturas ou Ocupações".

A próxima etapa do trabalho consiste na elaboração da Proposta de Plano, que aprofundará as ideias já contidas na Proposta Base e integrará as ressalvas e alterações/correções indicadas pela autarquia.

12 meses em Revista



A capa da edição de Março da Nova Costa de Oiro

Em Março, para celebrarmos a chegada da Primavera, fomos até Barão de São João, no concelho de Lagos.

Recordámos um pouco da história da localidade, tendo caminhado com tempo e tranquilidade pelas suas ruas, cumprimentando amigos de longa data. E, assim, registámos em fotografia e vídeo as imagens que partilhámos.

Estivemos na Mata Nacional, o «pulmão verde» de Lagos. Aí, e usufruindo da tranquilidade do local, sentados a escutar o chilrear da passarada, veio-nos à ideia que poderão ser muitos os lacobrigenses que não desfrutam da beleza deste «recanto» de Lagos. Ou, tão pouco, os que a conhecem...

Contudo, constatámos que nem tudo «são rosas» nesta ex-freguesia. O cultivo intensivo de abacates neste território provocou polémica e celeuma, que não

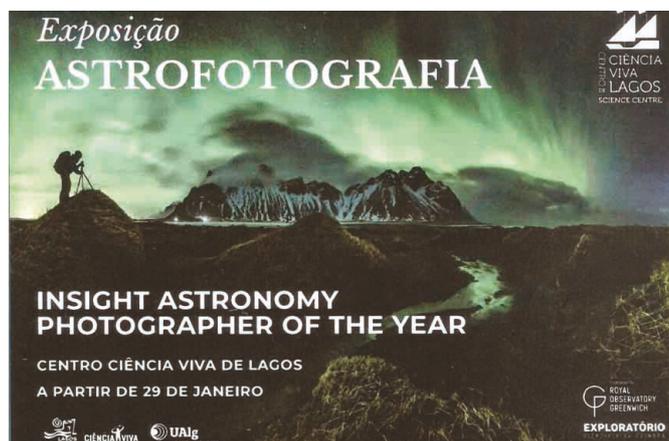
deixámos passar em claro.

No concelho de Lagos, Barão de São João é um lugar ímpar. Esta é uma localidade pacata, bonita e harmoniosa, onde se cruzam pessoas das mais diversas proveniências, gostos, formas de estar e de viver, num convívio tranquilo, aparentemente assente no respeito recíproco e na diversidade cultural, social e económica dos muitos que aqui aportam e que a escolhem como lar.

Por se localizar afastada da linha da costa marítima lacobrigense e por aqui se encontrar a Mata Nacional que tem o seu nome, Barão de São João é como que o «pulmão verde» do concelho de Lagos. Este não é, definitivamente, o lugar do turismo massificado, apelidado do de «Sol e Praia», que acorre a Lagos e à Praia da Luz, nos cálidos meses do Verão. Os turistas que se cruzam connos-



Auditério Municipal ao abandono



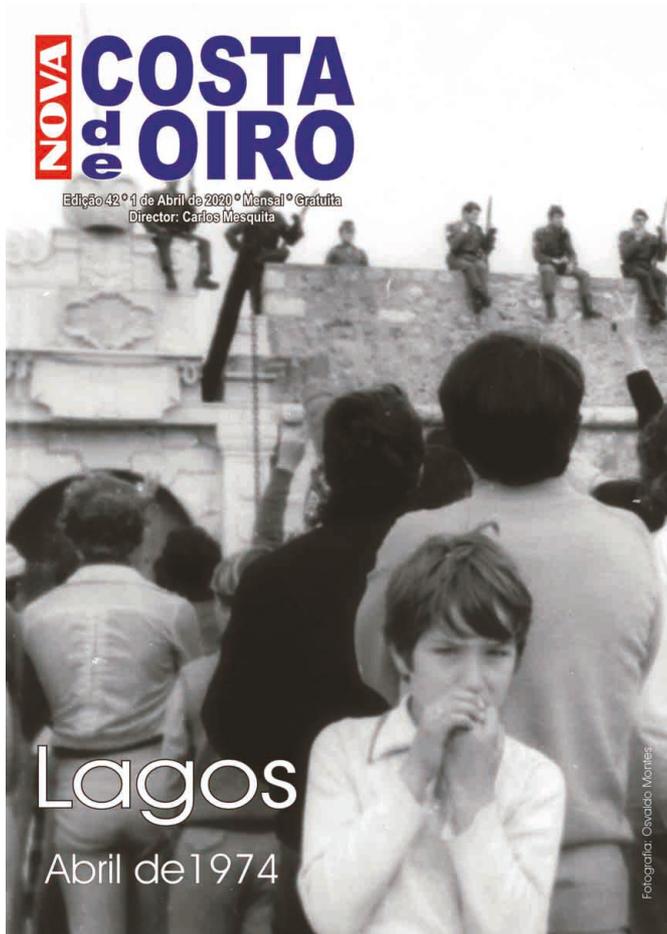
Exposição Astrofotografia, no Centro Ciência Viva

co nas ruas, os que marcham pela Mata, ou os que nos saúdam simpaticamente das suas bicicletas, com os seus sotaques germânicos, britânicos, gauleses, parecem-nos sinceramente felizes por estarem aqui, a desfrutar da beleza e da Natureza desta terra, deste Algarve outro, deste recanto de Lagos, curiosamente pouco conhecido e apreciado pelos que habitam neste concelho.

2020 trouxe novidades em relação à polémica com a cultura intensiva de abacate. Soube-se, em Dezembro último, que «Está a decorrer na CCDD - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve o procedimento de Avaliação do Impacte Ambiental do Projecto Agrícola de Produção de Abacates. Até 26 de Janeiro de 2021, este estudo está disponível para consulta pública no portal Participa».

Abril de 2020

12 meses em Revista



A capa da edição de Abril da Nova Costa de Oiro

Nesta edição, recordámos o 25 de Abril de 1974 e a participação da unidade militar de Lagos, na Revolução, com fotografias e relatos que muitos lacobrigenses desconheciam, eventualmente.

Existem muitos e variados documentos que relatam a Revolução dos Cravos. São conhecidos os seus antecedentes e os múltiplos factores que estiveram na sua génese. Também se sabem os movimentos das várias Unidades Militares. Mas, eventualmente, será menos conhecida dos lacobrigenses, a participação da Unidade de Lagos, o Centro de Instrução de Condução Auto n.º 5 (CICA 5), nas movimentações desse dia e do seu contributo para esse Golpe Militar.

Nesta peça jornalística recorreremos aos depoimentos de Otelio Saraiva de Carvalho, publicados no seu livro «Alvorada em Abril», à entrevista concedida, à Nova

Costa de Oiro, em 1996, por Carlos Branco (Major e segundo comandante do CICA5, de Lagos, em 25 de Abril de 1974) e por José Varela (Capitão, que se apresentou nesse dia, no CICA5, para participar na Revolução). Socorremo-nos, igualmente, do relato do Capitão José da Glória Alves, em artigo da revista «Visão História», da autoria de Luís Pedro Cabral e para ilustrar o trabalho usámos fotografias de Osvaldo Montes, de José Alexandre Rosa e de autor desconhecido.

A Unidade de Lagos tinha como missão «calar» as antenas da televisão, da rádio e da guarda-fiscal que se localizavam na Fóia. Poderia também vir a ocupar o Aeroporto de Faro, o que não veio a acontecer.

Perguntámos a Carlos Branco e a José Varela se teria «valido a pena» fazer esta Revolução. José Varela (já fale-



Estacionamento abusivo



Respect (Respeito), pela Orquestra Ligeira de Lagos

cido), respondeu, assim, em 1996: «Todos os dias!» e Carlos Branco: «Voltaria a fazer a coisa em si, mas de outra maneira. Houve muitos erros, fruto da ignorância. Repetimos, em 2020, as mensagens que nos tinham deixado 14 anos atrás. Disse José Varela: «[...] nas escolas, em casa, em toda a parte onde se puder, deve-se explicar bem o que foi o 25 de Abril. A maioria dos jovens, hoje, não por culpa deles, não por desinteresse, desconhecem o que foi feito e a atitude heróica dos Capitães de Abril.

Foi muito perigoso esse dia. [...] Devemos explicar à juventude o que se fez e porque se fez.

Nós temos que falar no passado, para se ensinar o futuro».

E para que, como escreveu o poeta Ary dos Santos, que «*agora ninguém mais cerre as portas que Abril abriu!*»!

12 meses em Revista



A capa da edição de Maio da Nova Costa de Oiro



Autocaravanismo selvagem, em Lagos



My Dance/My Charts - Grupo do Facebook

Escrevemos em Maio que a pandemia provocada pela Covid-19 veio revelar, ainda mais, as fragilidades do tecido económico e social português. E alvitrámos que Algarve que agora só vive do turismo, o Algarve que abandonou os campos e o mar, o Algarve da sazonalidade e da precariedade laboral, poderá vir a sofrer brutalmente por opções erradas do seu passado mais recente.

Nesta edição da Nova Costa de Oiro, procedemos a uma análise do impacto da pandemia nas empresas locais, através da recolha de depoimentos de lacobrigenses de vários sectores de actividade económica.

Escutámos Nuno Rocha, lacobrigense, bancário; Miguel Velhinho, lacobrigense, 54 anos, fundador e CEO do Projecto Manhattan, profissional de comunicação que trabalha há 30 anos na indústria do

marketing e da publicidade; João Pedro Jacinto, lacobrigense desde os primeiros 4 dias, mas nascido em Faro, arquitecto, empresário / proprietário de um pequeno aldeamento turístico de apartamentos turísticos em Lagos; Fábio Mateus, de 31 anos, natural de Burgau, autarca (presidente da Junta de Freguesia de Budens), pescador; Jaime Maximiano, “algarvio” há quase há 50 anos, na área da restauração; Rui Catarino, 55 anos, comerciante no ramo da ourivesaria (proprietário da Ourivesaria Coimbra) e do lacobrigense Nuno Marques, urbanista.

Em Janeiro de 2021, analisando os dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) de Dezembro de 2020, constata-se o acerto das análises dos nossos entrevistados: mais de metade das empresas respondentes reportou um impacto negativo ou muito ne-

gativo na evolução presente do volume de negócios associado à redução das encomendas/clientes (59%) e às novas medidas de contenção (56%).

O sector de actividade “Alojamento e restauração” (preponderante em Lagos) é aquele em que as alterações decorrentes da pandemia Covid-19 têm maior expressão no volume de negócios das empresas: as novas medidas de contenção anunciadas afectam negativamente 82% das empresas, sendo que 59% reportam um impacto muito negativo; as variações nas encomendas/clientes foram referidas por 84% das empresas como tendo um impacto negativo ou muito negativo (55%, nesta última situação).

Diariamente somos informados de elevado número de casos de carência alimentar de lacobrigenses, que solicitam e obtêm apoio de várias associações locais.

Junho de 2020

12 meses em Revista



A capa da edição de Junho da Nova Costa de Oiro



Imagem aérea do Porto de Pesca de Lagos



Rua da Porta de Portugal, em tempo de pandemia

Em Junho de 2020, retomámos um tema que tinha merecido a nossa atenção numa reportagem de 1999. Nessa ocasião acompanhamos os pescadores lacobrigenses ao longo de um árduo dia de trabalho e visitámos as instalações portuárias, onde constatámos ser urgente uma profunda intervenção por parte dos seus responsáveis. O desassoreamento da entrada da barra, na Ribeira de Bensafrim e a criação de uma zona de arrumos para os aprestos, bem como o ordenamento geral do espaço, eram, à época, as necessidades mais prementes. Nessa ocasião, a Nova Costa de Oiro solicitou por diversas vezes a posição da Junta Autónoma dos Portos sobre esta sua zona de jurisdição, sem nunca ter obtido resposta.

Verificando que passados 21 anos os problemas persistiam, contactámos a Do-

capesca no sentido de obter as suas declarações quanto à gestão do Porto de Pesca de Lagos. Debalde... Não só esta entidade, tutelada pelo Ministério do Mar, não responde, como o seu site parece ter parado no tempo, não disponibilizando informação que permita a qualquer cidadão o pleno exercício do direito à informação e ao acompanhamento de projectos ou intervenções na área de responsabilidade desta entidade pública. E escrevemos que «Apesar de vivermos em democracia continua a existir quem se julgue acima do escrutínio e análise».

Em Junho de 2020, constatámos que, 21 anos depois da nossa primeira reportagem, ainda persiste o desordenamento do espaço sob jurisdição da Docapesca. Por outro lado, percebemos que a actividade pesqueira parece ser pouco atractiva e merecedora de ser conside-

rada pela massa laboral, incluindo a que se encontra em situação de desemprego, o que mereceu a escolha do nosso título de capa: «Lagos - Pesca e Pescadores: Crónica de uma morte (lenta) anunciada».

Em Setembro de 2020, soubemos que a Docapesca adjudicou a obra do parque de apoio aos armadores do Porto de Pesca de Lagos «para responder às necessidades inerentes às operações de recolha, reparação e acondicionamento de redes e apetrechos de pesca dos armadores e acondicionamento e armazenamento de “isco”», num investimento de 215 mil euros nesta empreitada.

Daqui pode retirar-se a seguinte conclusão: foi «só» preciso esperar-se pelo menos 21 anos para que a entidade competente desse início à resolução de um problema que se arrasta há décadas.

12 meses em Revista



A capa da edição de Julho da Nova Costa de Oiro

Em finais de Junho, a cidade de Lagos encontrava-se quase deserta e com um «ruidoso» e incómodo silêncio. A azáfama de Verões anteriores tinha dado lugar ao vazio das ruas e dos estabelecimentos comerciais. As pessoas evitavam-se e afastavam-se umas das outras. As esplanadas estavam vazias e os poucos restaurantes abertos ao público quase não tinham clientela. As vozes, os risos, a música, tinham dado lugar à quietude, a um estranho sossego, a uma triste calma que magoa.

Foi sob a «ameaça» de um Verão que então se perspectivava muito complicado e difícil para a hotelaria e para os proprietários de alojamentos locais, para a restauração e estabelecimentos similares que centrámos a nossa reportagem. Infelizmente, os receios que nos manifestaram nesta edição vieram a concretizar-se.

Entrevistámos Nuno Serafim, um dos sócios do estabelecimento «NOX» e Marco Monteiro, responsável pela gestão do Bon Vivant Cocktail-Bar, duas empresas que laboram na área da animação nocturna e que nos deram o seu testemunho quanto a esta área de actividade económica.

Marco Monteiro disse-nos que «**Estes momentos têm sido estranhos. Não estávamos habituados a vivê-los. Mesmo em termos de negócio é tudo novo. Há muitas perguntas e há poucas respostas, neste momento. Andamos numa ansiedade, que nos leva a pensar no futuro.**

Por seu turno, Nuno Serafim enfatizou que este sector é importante para toda a região algarvia: «**A actividade da diversão nocturna é importante na “imagem” do Algarve. E, neste mo-**



Festa em Odiáxere provocou surto de Covid-19



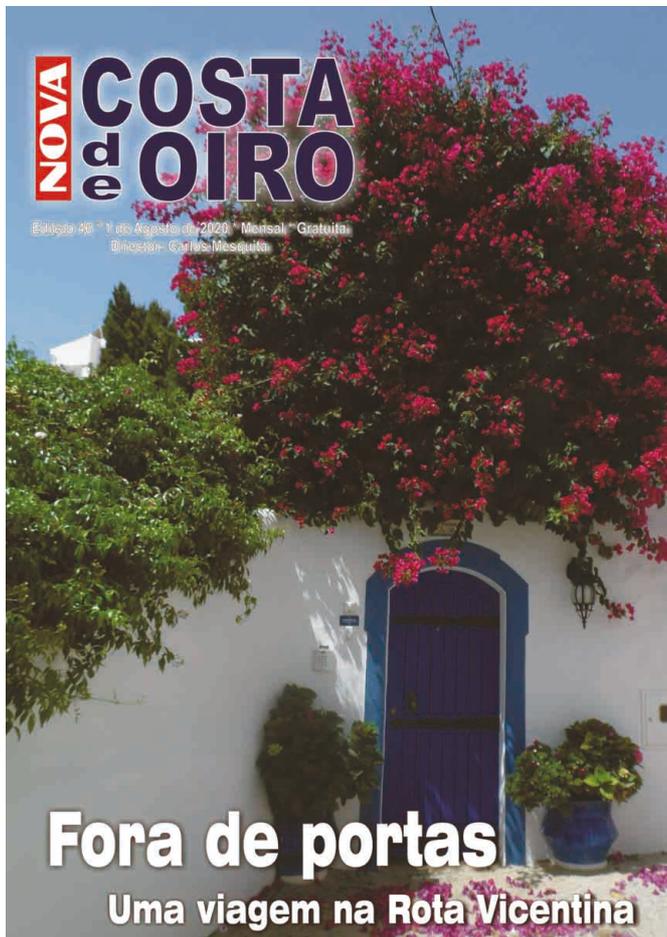
Dia Mundial das Bibliotecas - Biblioteca de Lagos

mento, nós sentimos que houve um abandono total por parte das entidades responsáveis em relação à nossa actividade». Marco Monteiro antevia tempos ainda mais difíceis: «**Sendo esta uma região muito sazonal, com o próximo Inverno, a preocupação das pessoas ainda se torna maior. Ou seja, se as coisas já não estão bem, como será o próximo Inverno?**».

A Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal, tornou público que um inquérito que fez em Novembro de 2020 revelou que 48% dos restaurantes adiantaram “não conseguir aguentar mais dois meses sem apoios robustos”, 46% tiveram de recorrer a despedimentos, 45% dos que estão em espaços arrendados não conseguiram pagar a renda no último mês e 65% têm três ou mais meses de renda em atraso.

Agosto de 2020

12 meses em Revista



A capa da edição de Agosto da Nova Costa de Oiro

Em Agosto, cansados, completamente fartos de palavreado e mais palavreado, desligámos a televisão e o rádio e fomos por aí, porta fora, de Lagos rumo a Oeste, sempre junto ao mar, sem pisarmos o asfalto da tristemente apelidada «Estrada da Morte», ou seja, a Estrada Nacional nº 125.

Nesta edição, convidámos os nossos leitores a nos acompanharem numa viagem que se iniciou em Lagos e que terminou no concelho vizinho de Vila do Bispo. Desafiámo-los a que se juntassem a nós neste percurso e que saíssem de casa para usufruirmos da beleza deste cantinho do nosso Algarve.

Começámos esta viagem em Lagos, no caminho da Praia do Pinhão. Ao longe, a Norte, avistamos a Serra de Monchique, a Meia-Praia e a entrada da barra de Lagos. Recordámos dias passados (e

não foi assim há tanto tempo...) em que aqui havia traineiras e «enviadas», neste Porto de Pesca que fervilhava de movimento. E, também, o assoreamento do canal de entrada, problema que se arasta e que persiste há décadas, quem sabe à espera de uma solução miraculosa e permanentemente adiada.

Chegados à antiga aldeia piscatória da Praia da Luz (Vila desde 2001), ficámos um pouco surpresos por constatar-mos que, não obstante os tempos que vivemos, no areal estava um número significativo de veraneantes, embora não tantos como recordávamos de anos anteriores.

Sáimos da Luz, sempre rumo a Oeste, pela estrada dos «Montinhos da Luz», rumo à aldeia de Burgau. Esta via, tal como a que liga a rotunda das «Quatro Estradas» à Luz não poderia estar mais

necessitada de intervenção. Burgau merece visita prolongada. Que venhamos aqui degustar algumas iguarias do refeitório nacional, nos vários estabelecimentos de restauração que aqui existem.

Rumámos até à aldeia da Salema, que tal como as que visitámos anteriormente, tinha na actividade piscatória a principal forma de subsistência das suas populações.

A nossa viagem terminou na aldeia da Figueira, no concelho de Vila do Bispo. Não visitámos a sua praia, nem o seu forte arruinado, uma vez que este local costuma ser frequentado por algumas pessoas que não se respeitam, que não respeitam os outros visitantes, nem o meio ambiente e a natureza, sem que aparentemente as autoridades competentes intervenham para pôr fim ao desordenamento que grassa neste local.

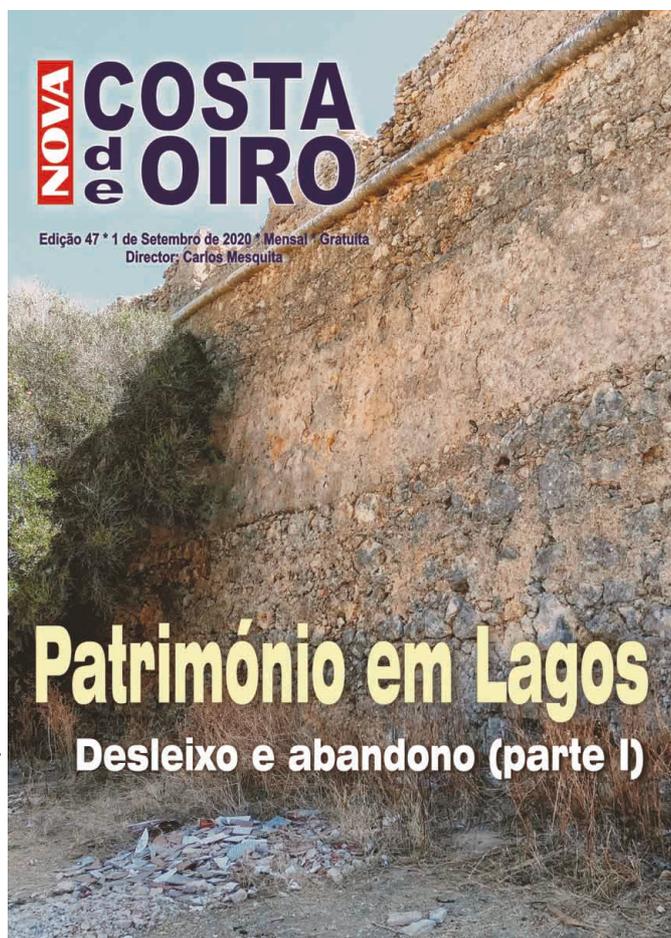


A Baía de Lagos, com a Serra de Monchique ao fundo



A praia de Burgau

12 meses em Revista



A capa da edição de Setembro da Nova Costa de Oiro



Entulho junto à muralha que é Património Nacional



A descobrir: Casa do Vale da Lama - Odiáxere

Na edição de Setembro de 2020, visitámos parte do Património Cultural Classificado (e não só), de Lagos. Ilustrámos com imagens (que dizem valer mais de mil palavras) o estado de desleixo ou de abandono em que muitos se encontram. E deixámos uma só uma pergunta: porquê?

Continuamos até hoje, em 2021, sem qualquer resposta à nossa interrogação, uma vez que persiste o desleixo e abandono nos três locais que visitámos.

O nosso percurso pelos Monumentos Nacionais, em Lagos, começou pelas muralhas e torreões que envolvem a cidade, ou seja, no seu núcleo primitivo.

Após visita a este Monumento Nacional, constatámos que não só não é possível aceder aos torreões e muralha e, daí, desfrutar de extraordinária vista da cidade (como acontece em Marvão, por

exemplo), que existe um depósito de entulho a céu-aberto, frente ao pano de muralha perto da Escola do bairro Operário, e que estão por concluir as obras de intervenção, cuja conclusão estava prevista em 2018.

Chamou-nos à atenção a situação em que se encontra o espaço abaixo da chamada Janela Manuelina, onde a tradição refere ter o rei D. Sebastião assistido a uma missa antes da partida dos exércitos para a fatídica batalha de Alcácer Quibir.

Usado como latrina ao ar-livre, este local, este sítio que é Monumento Nacional, deveria invocar a nossa reflexão colectiva, o que não aconteceu até agora.

A nossa viagem pelo Património edificado de Lagos conduziu-nos à Igreja de São Sebastião, o segundo dos três Monumentos Nacionais da nossa cida-

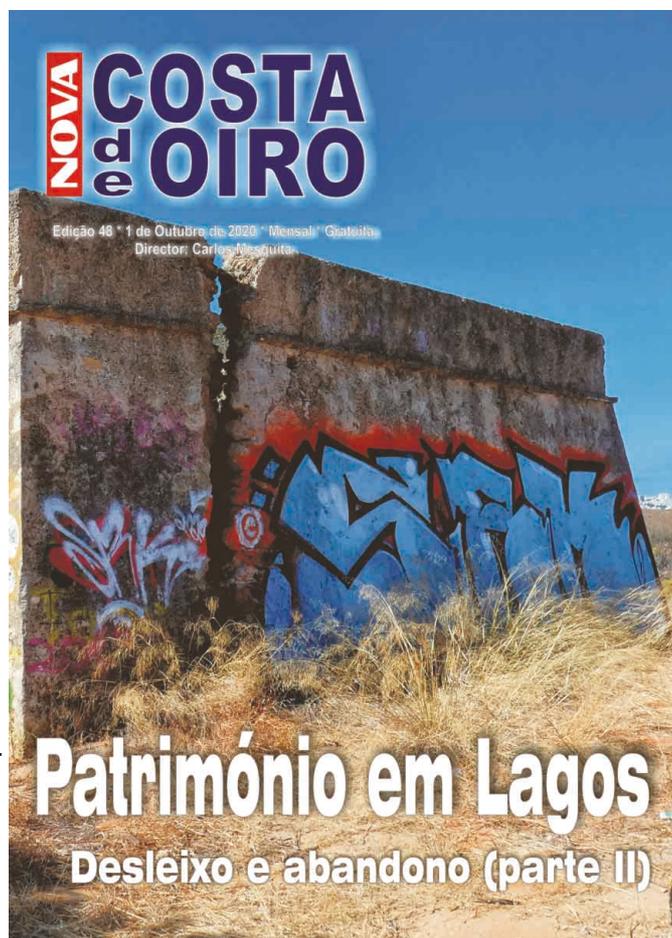
de. A precisar de obras no seu exterior, ainda antes da situação que decorre da Covid-19 não era fácil visitar este Monumento Nacional da cidade de Lagos, que se encontra invariavelmente de portas bem cerradas, excepto aquando das missas que ali se realizam, ou de um ou outro concerto.

A nossa reportagem terminou na Igreja de Santo António, o terceiro classificado como Monumento Nacional, em Lagos. Esta, que é adjacente ao Museu local e que está a ser alvo de remodelação sem data anunciada de conclusão, devido a estas obras de «Santa Engrácia», não permite o acesso a cidadãos com mobilidade reduzida.

Para mais, a sua actual entrada e bilheteira instalada em contentor está parcialmente tapada com um painel com imagem do seu interior.

Outubro de 2020

12 meses em Revista



A capa da edição de Outubro da Nova Costa de Oiro

Concluimos na edição de Outubro da Nova Costa de Oiro, a série de reportagens sobre o património cultural edificado existente em Lagos, focando-nos não só no estado de abandono e de desleixo a que está votado mas, essencialmente, no sentido de o dar a conhecer aos nossos leitores e de levantar duas questões:

A primeira, saber-se porquê, qual a razão para o património se encontrar como as imagens mostram?

A segunda, que a comunidade reflita e debata se a simples existência deste património não poderia ser um contributo, uma significativa alavancagem na afirmação de Lagos enquanto destino de qualidade e que vale a pena visitar, conhecer e explorar, não só pelos algarvios, como por todos restantes visitantes.

Iniciámos o nosso percurso no Forte da Meia-Praia (vulgar e erradamente cha-

mado de São Roque, pois tem como patrono S. José), que é classificado como Monumento de Interesse Público. Aqui vimos e constatámos que este local não é mais do que uma lixeira a céu aberto, abandonado e degradado, apresentando a sua estrutura inúmeras fissuras.

Do Forte da Meia-Praia seguimos para a Avenida dos Descobrimentos, onde se encontra ancorada a «Boa Esperança», uma réplica aproximada do que seria uma caravela, embarcação utilizada pelos portugueses na demanda da rota marítima pelos Oceanos Atlântico e Índico até à Índia e às suas riquezas.

Posta a seco em 09 de Janeiro de 2020, a estrutura do seu casco abaixo da linha de água (as chamadas «obras-vivas»), encontrava-se no mau estado que a imagem documenta.

Em 11 de Setembro de 2020, por aju-

te directo no valor de 10 mil euros (mais IVA), a Região de Turismo do Algarve (proprietária da embarcação), e a empresa Marlagos S. A. (segundo outorgante) celebraram um contrato de «aquisição de serviços de manutenção preventiva para a caravela “Boa Esperança”». Por este, a empresa citada deverá proceder durante 130 dias a intervenções em partes imersas (à vista) desta réplica naval. Já as submersas, essas ficarão a aguardar por outra e melhor oportunidade, ou até que o casco ceda de vez.

A nossa «viagem» por algum do património cultural existente em Lagos terminou no Parque Dr. Júdice Cabral («Parque das Freiras»). Em finais de Setembro de 2020, está parcialmente destruído e abandonado e tudo o mais planeado há cerca de 28 anos encontra-se ainda por concretizar. Porquê?



O «okupa» ocupou parte da Praça Luís de Camões



Casco da réplica da caravela Boa Esperança

12 meses em Revista



A capa da edição de Novembro da Nova Costa de Oiro

Com o objectivo de tentar saber qual o futuro reservado ao Porto de Pesca de Lagos, na edição de Novembro, a Nova Costa de Oiro questionou a Docapesca (empresa do Sector Empresarial do Estado, tutelada pelo Ministério das Finanças e pelo Ministério do Mar, que tem como missão prestar, no continente português, o serviço público da primeira venda de pescado em lota e actividades conexas, a administração dos portos de pesca e marinas de recreio, bem como as funções de autoridade portuária, nas áreas sob sua jurisdição).

O nosso objectivo era tentar perceber o que poderia vir a ser o futuro próximo do Porto de Pesca de Lagos. Pela primeira vez e após várias tentativas de obter resposta desta entidade, pelo menos desde 1999, esta foi a primeira e única vez que responderam às nossas perguntas,

após muita insistência da nossa parte. Esta entidade nunca se tinha dignado a clarificar-nos qualquer questão relacionada com a importante infra-estrutura.

Contudo, realçamos que as respostas da Docapesca às nossas questões são mais do que evasivas e opacas. Ou seja, em nada contribuem para o esclarecimento que pretendemos ver aclarado.

Haverá a possibilidade de as pretensões de duas empresas privadas, a Marlagos e a Sopromar, virem a ficar, no futuro próximo «donas» da área que hoje é o Porto de Pesca de Lagos? A resposta que recebemos dessa entidade é mais do que ambígua: é nem sim, nem não. É «nim», o que poderá levar a supor-se que se avizinhará o princípio do fim do Porto de Pesca de Lagos, tal como o conhecemos.

Como nos esclareceu o arquitecto José Veloso, «há movimentações sobre-

voando o porto, mas com assaz turvos contornos em termos de transparência. A Câmara Municipal, não é inocente quando publica, na sua Revista Municipal, o seu aval à pretensão do CVL no porto. A Marlagos, sabe o que faz quando põe o preto no branco apenas nos circuitos da língua inglesa. A Docapesca, não é uma inepta quando não esclarece contactos com a Marlagos. E não é por acaso que é o presidente do CVL, conhecedor dos meandros onde mergulham as coisas da Câmara Municipal, de que é alto funcionário, que dá a cara com o anúncio público de uma pretensão no porto.

Estas constatações, mais a ínvia técnica de manter o sensível assunto do porto longe das luzes da ribalta pública local, autorizam todas as conjecturas sobre a limpidez das águas onde navega o futuro do porto de Lagos».



Onde pára a Polícia no centro de Lagos? Não pára.



Vale tudo, em Lagos?

Dezembro de 2020

12 meses em Revista



A capa da edição de Dezembro da Nova Costa de Oiro

Na nossa edição de Dezembro de 2020, publicámos um caso único em Portugal: o do Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos, de todos os construídos no nosso país que ainda hoje se encontra por legalizar.

Recordámos a história e a luta dos seus moradores, pelo direito à habitação, consagrado na Constituição Portuguesa.

Tínhamos planeado ir ao local, filmar e fotografar no sítio, o que se veio a revelar impossível de concretizar, dada a Covid-19. Por isso, fomos obrigados a recorrer a textos de José Manuel Freire e José Veloso para dar a conhecer este caso único em Portugal.

Em 06 Agosto de 1974, ou seja, 21 meses antes de a Constituição da República Portuguesa consagrar o «direito à habitação», foi publicado «no Diário do Governo I série-n.º 182, o Despacho do

Ministério da Administração Interna, MAI e do Ministério do Equipamento Social e Ambiente (MESA). Despacho este que instituiu o Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL) no âmbito do Fundo de Fomento da Habitação (FFH).

O Despacho referia que este Serviço se destinava, expressamente, a «(...) apoiar, através das Câmaras Municipais, as iniciativas de populações mal alojadas no sentido de colaborarem na transformação dos próprios bairros (...)» e também «(...) devem os trabalhos de infraestrutura viária e sanitária, que constituem a base essencial das operações ser custeados pela autarquia local, bem como a disponibilidade de terrenos para a urbanização (...)».

Com o apoio de equipas técnicas SAAL que se criaram para este efeito, contratadas pelo FFH, organizaram-se

associações de moradores por todo o País. Elaboraram e aprovaram os respectivos estatutos e legalizaram-se por escrituras públicas, com publicação em Diário da República.

Iniciaram-se, assim, os projectos e as obras de construção de milhares de habitações em centenas de bairros, entre os quais este da Meia-Praia.

Terminámos a nossa reportagem com esta pergunta, que ainda aguarda resposta: qual é *mesmo* a razão para que em 2020, o Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos, seja caso único em Portugal?

Pode recordar em vídeo o processo desta construção aqui: https://youtu.be/qE0NisQTs_k. A reportagem da SIC «Perdidos e Achados» na Meia-Praia, de 2012, pode ser visto nesta ligação: <https://youtu.be/krTE4n25-88>



O que nasce torto... (Jardim da Contituição, Lagos)



Foi-se a cegonha. Venha mais betão

PUBLICIDADE

Lagotec

Informática

Assistência Técnica
Hardware
Software
Redes Informáticas
Webdesign

Urb. Marina Sol
Rua Dr. José Francisco Tello Queiróz
Lote 3 - Loja B - 8600-707 Lagos
Tel. 282 788 504 | Tlm. 914 650 100
e-mail: geral@lagotec.pt | www.lagotec.pt



FISIOTERAPIA

Jose M. Marques
Fisioterapeuta

Horário::Segunda a Sexta::8h00 às 13h00::14h30 às 20h00

Rua Brigadeiro Costa Franco (AMEIJEIRA) Lote 5, Loja B
Telef. 282 761 241 Fax 282 789461 LAGOS

NOVA COSTA de OIRO Nova Costa de Oiro

Início Destaque Olhares & Etc Sobre Nós Arquivo PDF
Editorial Ler PDF Ler no ISSUU

Compart. página
Compart. Facebook
Compart. Twitter

NOVA COSTA de OIRO
Diretor: Carlos Marques

A Nova Costa de Oiro em todas as plataformas digitais aqui:
<https://www.novacostadeoiro.com>

PROTEJA-SE DO CORONAVÍRUS

**Tecnologia Ultra-Violeta da BioZone
elimina 99,999% do vírus em 0.44 segundos**



Testes recentes conduzidos pelo laboratório independente BCS Laboratories, na Flórida, provam a eficácia dos produtos BioZone no combate ao SARS-CoV-2 e demonstram a inactivação do vírus em menos de 1 segundo.

A Tecnologia UV da BioZone permite higienizar e desinfetar o ar e as superfícies em todos os ambientes: habitações e escritórios, espaços comerciais e desportivos, hotelaria e restauração, escolas e infantários, lares, clínicas e hospitais, transportes públicos e privados, etc.

BIOZONE ELIMINA

Vírus, bactérias, fungos, mofo, maus odores, fumos, gases tóxicos, poluentes químicos, partículas em suspensão e compostos orgânicos voláteis, no ar e nas superfícies, melhorando significativamente a qualidade do ar e a sensação de frescura.

CONTACTE-NOS:

+351 961 293 363 lubelias@biozone.pt

R. José F. Matos N. Silva It.6 Loja H 8600-774 Lagos

Portugal, Lagos

e a Restauração da Independência



Aclamação de D. João IV (autoria de Veloso Salgado - Museu Militar de Lisboa)

Na sequência do fim abrupto do reinado de D. Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir (1578) e da curta realeza do seu tio, Cardeal D. Henrique (1578-1580), Portugal foi integrado na Monarquia Espanhola durante 60 anos. Em 1580, iniciou-se um sistema de Monarquia Dual, em que o Rei de Espanha foi, simultaneamente, o Rei de Portugal. Esse período ficou conhecido como a *Dinastia Filipina*, devido ao facto de, entre 1580 e 1640, terem sido três monarcas com a designação de Filipe a governar, nomeadamente Filipe II de Espanha (I de Portugal), Filipe III (II de Portugal) e Filipe IV (III de Portugal).

Ao longo desses 60 anos, Portugal conheceu diversas vicissitudes. Se, por um lado, os *Reis Filipes* contaram com importantes apoios do lado português, por outro lado, as ameaças sobre os territórios ultramarinos e os problemas aí surgidos,

o agravamento da carga fiscal, o desrespeito pelos compromissos assumidos em relação à soberania portuguesa, uma ambiência de crise generalizada e um assumido sentimento patriótico nacionalista e messiânico por parte de algumas personalidades e sectores, conduziram a uma reversão dessa situação e ao termo do domínio espanhol em Portugal.

No processo que conduziu à Restauração da Independência nacional, revelaram-se importantes as chamadas Alterações de Évora, também conhecidas como *Revolta do Manuelinho*, um movimento insurreccional popular que se iniciou naquela cidade no dia 21 de Agosto de 1637 e que apenas terminou nos finais do mês de Outubro do mesmo ano. A revolta teve um carácter anti-fiscal e alastrou pela zona Sul e algumas localidades do Centro e Norte de Portugal. A designação de Manuelinho reporta-se ao alienado cujo nome

serviu como cobertura às proclamações emitidas pelos revoltosos.

Entretanto, um grupo de elementos da Nobreza congregou-se, por volta de Agosto de 1640, no sentido de planear e levar a cabo uma acção político-militar contra a Espanha, que enfrentava uma revolta na Catalunha. O grupo de conspiradores foi liderado por D. Miguel de Almeida. Após alguma indecisão, D. João, Duque de Bragança, cerca de 25 de Novembro, aceitou a realeza. Os últimos encontros preparatórios da acção a desencadear tiveram lugar em Lisboa, no Palácio de D. Antão Vaz de Almada (hoje o Palácio da Independência, ao cimo do Largo de São Domingos). Entre o grupo de fidalgos envolvidos na conjura, estiveram os já citados D. Antão de Almada e D. Miguel de Almeida, os Drs. João Pinto Ribeiro e Sanches de Baena, Pedro de Mendonça, o Padre Nicolau da Maia,

Lacobrigenses

Portugal, Lagos

e a Restauração da Independência



Alcácer do amuralhado do Castelo dos Governadores (Lagos)

D. Telo de Meneses, D. Carlota de Noronha, entre outros.

Na manhã do dia 1 de Dezembro de 1640, o grupo de conjurados dominou a guarda do Palácio Real e executaram o Secretário de Estado Miguel de Vasconcelos, que foi atirado de uma janela para o terreiro. Os principais membros espanhóis do governo foram presos. Entre estes, encontravam-se o Marquês de La Puebla e a Duquesa de Mântua (cuja prisão foi atribuída na planificação dos conspiradores portugueses a D. Antão Vaz de Almada, nobre que acabou igualmente por conseguir a rendição do Castelo de São Jorge e da respectiva guarnição).

Entretanto, a partir de uma janela do mesmo corredor de onde havia sido atirado Miguel de Vasconcelos, D. Miguel de Almada aclamou o Duque de Bragança como D. João IV, Rei de Portugal, perante os populares que se tinham ajuntado

no local, cujos líderes tinham sido previamente contactados, postos a par da acção, tendo aderido ao movimento anti-espanhol. Importa referir que os poderes sedeados em Lisboa (incluindo o Clero) aclamaram D. João IV e a sua realeza.

Se a notícia dos acontecimentos de Lisboa colheu de surpresa as autoridades em Madrid, ela foi correndo por todo o território português, confirmando-se a obediência ao novo Monarca.

No Reino do Algarve e, mais concretamente, em Lagos, era Governador Henrique Correia da Silva, que sublevou o território algarvio a favor do Rei D. João IV.

No dia 11 de Dezembro de 1640, Henrique Correia da Silva mandou reunir na Igreja da Misericórdia (actual Igreja de Santa Maria), em Lagos, todas as autoridades constituídas. Depois de terem assistido à missa do Espírito Santo, Correia da Silva, leu a todos os presentes

uma carta enviada pelo governo provisório de Lisboa. Seguidamente, terminou a leitura bradando vivas ao Rei D. João IV, tendo todos os presentes respondido de forma entusiástica.

Henrique Correia da Silva organizou, depois, um corpo com 2.000 homens que tratou de enviar para Castro Marim, no sentido de reforçar as defesas fronteiriças.

Por sua vez, as autoridades espanholas não tendo, ainda, a real percepção do impacto dos acontecimentos ocorridos em Lisboa protagonizaram episódios curiosos. No caso do Algarve, o Marquês de Ayamonte, por exemplo, ofereceu ajuda militar ao Governador Henrique Correia da Silva para manter o Algarve em sossego. Este, porém, em resposta, declinou ironicamente o auxílio, informando que o Reino do Algarve reconhecera de forma totalmente pacífica D. João IV como Rei.

Portugal, Lagos

e a Restauração da Independência



Rua Castelo dos Governadores (Lagos)

A Câmara Municipal de Lagos, reunida nesse mesmo mês de Dezembro de 1640, determinou que se celebrasse, anualmente, uma procissão comemorativa da aclamação do Rei D. João IV.

Seguiu-se uma difícil guerra com a Espanha, nada menos que uma das maiores potências mundiais da época. Portugal jogou a sua existência perante um poderoso inimigo ao longo de 28 anos. E esse jogo de sobrevivência foi perigoso no meio das teias de interesses de grandes potências, como a Inglaterra ou a França. Foi a Guerra da Restauração, ou da Aclamação. As zonas fronteiriças foram palco de violentos confrontos entre as forças beligerantes. Um dos seus principais cenários foi o Alto Alentejo.

A primeira grande batalha ocorreu em Maio de 1644, em território espanhol, em Montijo, onde as tropas espanholas foram derrotadas por Matias de Albuquerque.



Praça dos Restauradores (Lisboa)

que. Outras importantes se seguiram, (1664) e a de Montes Claros (1665). Além de batalhar pela defesa do seu território continental, Portugal teve que se

Portugal, Lagos

e a Restauração da Independência



Igreja de Santa Maria (anteriormente, Igreja da Misericórdia - Lagos)

bater, igualmente, com os Holandeses, que tinham ocupado alguns dos seus territórios além-mar. Se no território português se destacaram ao comando das tropas nomes como os de D. Sancho Manuel (Conde de Vila Flor), de D. António de Meneses (Conde de Cantanhede), de Pedro Jacques de Magalhães, do Marquês de Marialva, ou do francês Conde de Schomberg, nos territórios portugueses além-mar destacou-se o nome de Salvador Correia de Sá e Benevides (1602-1681), que partiu do Rio de Janeiro a 12 de Maio de 1648, com destino à costa de África, tendo reconquistado Luanda (Angola) aos Holandeses, derrotando-os e expulsando-os do território, a 24 de Agosto desse mesmo ano. Uma outra figura de extraordinária importância em todo o processo da Restauração da Independência portuguesa foi o Dr. João Pinto Ribeiro, um estrategista dos aconte-

cimentos de 1 de Dezembro de 1640.

Quem se passeia hoje pelo centro da nossa capital, Lisboa, ao deixar a Praça D. Pedro IV (Rossio) a caminho da Avenida da Liberdade, esquece-se que a grande Praça que as liga é consagrada à memória e aos feitos de armas dos *Restauradores*. Muito menos se recorda deles quem passar pela nossa Igreja de Santa Maria, aqui em Lagos, palco, como

vimos, do mais importante momento de celebração do Rei D. João IV aqui na cidade. Aqui quisemos recordar, ao longo destas linhas, algumas das personalidades e acções daqueles que se empenharam na *Restauração* de um Portugal Independente e livre, prestando-lhes a nossa sincera homenagem.

Artur Vieira de Jesus

Licenciado em História

Bibliografia

- CARDOSO, Gualter, "João Pinto Ribeiro, Figura-Chave da Restauração", Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1990.
- GARCIA, José Manuel, "Dicionário Essencial de História de Portugal", Lisboa, Editorial Presença, 2010.
- "História de Portugal – Do Portugal Cativo ao Portugal Absolutista", dirigida por João Medina, Volume VIII, Amadora, Ediclube, 2004.
- MELO, Ana Homem de e SAMPAIO, Jorge Pereira de, "D. Antão de Almada na Restauração", Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1995.
- ROCHA, Manuel João Paulo, "Monografia de Lagos", Faro, Algarve em Foco Editora, 1991.

Elevação de Lagos a Cidade



D. Sebastião (1557-1578), por Cristóvão de Moraes (Museu de Arte Antiga)

Assinala-se a 27 de Janeiro, o 448º aniversário da Elevação de Lagos a Cidade, naquele que é um marco da história local, e que constituiu o reconhecimento da importância e do trajecto percorrido desde a atribuição do Foral, por D. Manuel I, em 1504, até à sua elevação por D. Sebastião (o Desejado), em 1573.

Aquando do seu 20º aniversário, este rei português encontrava-se em Lagos, acompanhado por uma comitiva da qual se destacava D. Duarte, Duque de Aveiro, D. Pedro Dinis de Lencastre, Conde do Vimioso e Belchior do Amaral. O jovem monarca, sensibilizado pela recepção que lhe foi oferecida pelos lacobrigenses e visando o engrandecimento da

urbe, então vila, decidiu elevá-la a cidade nesse dia.

Recorremos à «Corografia do Reino do Algarve» (1577), da autoria de Frei João de S. José para recordarmos a recepção feita ao seu monarca:

«O ano de 1573 do Senhor, el-rei D. Sebastião, o primeiro deste nome, foi a visitar o reino do Algarve e, por ser a primeira vez que nele entrava, todas as cidades e vilas determinaram de o festejar e cada ua por si lhe fazer solene recebimento.

Os Lacobrigenses, que eram os primeiros, por entrar el-rei pelo cabo de S. Vicente, onde foi por mar, se armaram todos e com suas enxarvias e albornozes em cima, à maneira dos Mouros, de pé e cavalo, fizeram um formoso exérci-

to e, antes que el-rei entrasse, puseram-se todos em emboscada, em certo lugar, donde lhe saíram ao encontro, com suas bandeiras despregadas e, postos em ordem de peleja, cercaram-no e prenderam-no com grandes alaridos, como os Mouros costumam; do que el-rei mostrou muito gosto e, entrando na terra e vendo a grande povoação e gente lustrosa e abastada, fê-la cidade e concedeu-lhe alguns privilégios para mais se enobrecer, de que todos ficaram satisfeitos».

Na edição nº 4 da Nova Costa de Oiro, de Janeiro de 1996, na rubrica «**Esta Cidade que Eu Amo**», da autoria do nosso colaborador **José Paula Borba**, publicámos o seguinte texto: «[...] Socorri-me da preciosa ajuda do algarvio ilustre, Dr. José António de Jesus Martins, licenciado em História, que nos historiou o que se segue:

«Você sabe quem elevou Lagos a cidade? E em que data?»

Quanto à primeira pergunta, a resposta não parece difícil. Na cidade, você já deve ter reparado nos elementos estilísticos um pouco espalhados por jardins e artérias nobres da cidade. O seu autor é sobejamente conhecido e assina como João Cutileiro. Despenda um pouco do seu tempo e observe, mais uma vez, a admirável obra de Arte dedicada ao Rei que elevou Lagos a cidade no ano de 1573 e no dia 27 de Janeiro.

Em 1973, foi inaugurada na altura em que se passaram 400 anos de tão importante data. E de lá para cá? O que se tem feito? Em boa hora as autoridades municipais e desde 1990 têm vindo a assinalar esta efeméride. Ora com colóquios, ora com a distribuição de Folhas Informativas sobre esta data tão importante para o nosso Município.

Todos sabemos que o Feriado Municipal é o dia 27 de Outubro e que passou a sê-lo desde 1972. Um dia em que um filho de Lagos – Gonçalo – é festejado como Padroeiro pela sua titulariedade de Santo.

Lagos não pode esquecer quem a

27 de Janeiro

Elevação de Lagos a Cidade



Estátua de D. Sebastião (1557-1578), por João Cutileiro (Praça Gil Eanes, Lagos - 1973)

elevou a Cidade, nobre título auferido no século XVI. Esta elevação deveu-se à vontade expressa do Rei, segundo nos informa o Cardeal-Rei. Não foram os Lacobrigenses que o solicitaram. D. Sebastião, observando a grandeza da então Vila, decidiu elevá-la a essa categoria. Não poderemos salientar esse desconhecimento como integral, mas é preciso aprofundar essa notável efeméride.

Estamos no mês em que passam 423 anos da elevação de Lagos a Cidade.

No próximo dia 27, não nos esqueçamos desse dia. Não se trata de mais um dia do calendário. É o dia que Lagos nasceu como Cidade».

Duas notas finais na data em que Lagos celebra o 448º aniversário de Elevação a Cidade: a primeira, no dia 26 de Junho de 1578, encontrava-se em Lagos parte da frota às ordens de D. Sebastião, rumo à copiosa derrota a 04 de Agos-



Tríptico alusivo a Alcácer Quibir, de João Cutileiro (Jardim da Constituição)

to desse ano, que foi infligida pelo exército de Mulei Moluco, em Alcácer-Quibir. O resultado e as consequências desta batalha foram catastróficos para Portugal, com morte do rei e subsequente crise dinástica e subordinação da soberania portuguesa a Espanha.

nia portuguesa a Espanha.

A segunda nota, para recomendar a leitura do texto de nosso colaborador Dr. Artur de Jesus, nesta edição, e o seu texto «Lagos, Portugal e a Restauração da Independência».

Rua Dr. Joaquim Tello



A Rua Dr. Joaquim Tello (com a Rua 25 de Abril, ao fundo)

A Rua Dr. Joaquim Tello (anteriormente chamada Rua do Outeiro), em Lagos, tem o seu início na Rua 25 de Abril e término na Rua Cândido dos Reis.

Joaquim Tello, era natural de Lagos, da freguesia de São Sebastião (actualmente extinta). Aqui nasceu em 06 de Fevereiro de 1841 e faleceu em Lisboa, em 21 de Dezembro de 1912. Esclarece o nosso saudoso colaborador Silvestre Marchão Ferro, no seu livro «Vultos na Toponímia de Lagos» que «em 1879 o Dr. Joaquim Tello era cirurgião ajudante do Batalhão de Caçadores N.º 4 de Tavira. Mais tarde estando à frente da Repartição do Ensino Industrial e Comercial em 1905, foi decerto por sua influência decisiva e directa, que a Escola Vitorino Damásio foi transferida de Torres Novas para a nossa cidade de Lagos, por Decreto de 4 de Julho de 1905 a quem se deve a colocação da Escola na cidade».

Iniciamos o nosso percurso por esta artéria lacobrigense na Rua 25 de Abril.



A primeira sede da revista Nova Costa de Oiro, no nº 10 desta rua

É na esquina desta com a do Dr. Joaquim Tello que em Outubro de 1995 «nasceu» a revista «Nova Costa de Oiro», no 1º andar do número 10, em edifício que pertencia ao Centro de Assistência Social Lucinda Anino dos Santos (CASLAS).

Do lado oposto da nossa sede de redacção, no nº 1 (mas também com fachada para a Rua 25 de Abril), encontra-se a Casa dos Herdeiros do coronel Lázaro Corte-Real, classificada como de Interesse Municipal.

Conhecer e visitar

Rua Dr. Joaquim Tello



A Rua Dr. Joaquim Tello, vista da Rua Cândido dos Reis (parte do Hotel Riomar)



A residencial «Cidade Velha» e a antiga oficina de mobiliário

É neste local, no refrescante quintal, em dias soalheiros, ou na sua biblioteca, que recordamos um amigo de longa data, o Dr. João Veloso (também colaborador da Nova Costa de Oiro) e as nossas aprazíveis e longas conversas e o muito que

nos ensinou e que partilhou.

Actualmente, este imóvel em obras de beneficiação, alberga o restaurante Sal & Companhia e um gabinete de Design (onde existiu uma excelente livraria).

Subimos uns poucos metros, para re-

cordarmos, no nosso lado direito, o estabelecimento de mobiliário de António Píñheiro do Nascimento, que também possuía uma oficina um pouco mais acima, do lado esquerdo (onde hoje está estabelecido um salão de beleza e de cosmética). Vimo-lo aí muitas vezes a fazer e a reparar móveis, num trabalho metódico e preciso.

Do lado direito, e um pouco adiante, havia uma oficina de reparação de automóveis, onde trabalhava João Correia. Curiosamente, este local tem ligação à paralela Rua da Estrema e à chamada «Casa dos Veigas».

Estamos quase a terminar o nosso percurso por esta artéria lacobrigense.

Prestes a chegarmos à Rua Cândido dos Reis, não nos esqueçamos do estabelecimento «Bola de Prata» (do lado direito), com mesas de snooker e de bilhar e outros entretenimentos, nem do Hotel Riomar, construído nos anos 60 do século XX, nem a sua discoteca.



Dr^a Luisa R. Marques

**ANALISES
CLÍNICAS**

Horário::Segunda a Sexta::8h00 às 13h00::14h30 às 19h00

**Rua Brigadeiro Costa Franco (AMEIJEIRA) Lote 2, Loja2
Telef. 282 782 817 Fax 282 782 816 LAGOS**

Rua Conselheiro Joaquim Machado, nº 35 Telef. 282 761 242 Lagos

PRETENDE
VENDER OU ARRENDAR
O SEU IMÓVEL?

282 087 152
www.mimosaproperties.com



VENDA
COMPRA
ARRENDAMENTO
MANUTENÇÃO
LIMPEZA

MIMOSA 
PROPERTIES

AMR140

Anúncio na revista Costa de Oiro em Janeiro de 1936

PREFIRAM AS CONSERVAS



AS

MELHORES SARDINHAS PORTUGUESAS

FABRICANTES :

Alliança Fabril Lacobrigense, Lda.

LAGOS-PORTUGAL



Cuidamos de si como família.

82 anos de existência - "A cuidar de si como família"

ESPECIALIDADES

- | | |
|-------------------------|-------------------|
| Clinica Geral | Medicina Dentária |
| Dermatologia | Neurologia |
| Cirurgia Geral | Oftalmologia |
| Ginecologia/Obstetricia | Cardiologia |
| Fisiatria | Ortopedia |
| Neurocirurgia | Medicina Interna |
| Gastroenterologia | Urologia |
| Psiquiatria | Podologia |
| Psicologia Clínica | Pediatria |
| Cirurgia Pediátrica | Endocrinologia |
| Alergologia/Pneumologia | Osteopatia |
| Otorrinolaringologia | Fisioterapia |
| Nutricionista/Dietista | Terapia da Fala |
| Enfermagem | Análises Clínicas |
| Aparelhos Auditivos | Domicílios |



PUBLICIDADE

www.lacobrigense.pt

PLANO DE APOIO AO ASSOCIADO ENTREGA AO DOMICILIO DE PRODUTOS FARMACÊUTICOS.

Para mais informações, consulte

WEB - <https://alacobrigense.pt/> * Facebook - a lacobrigense-associação de socorros mútuos
Telf - 282 764 826 (horas de expediente)

R. Prof. Joaquim Alberto Taquelim,
Lote 8, Loja E • 8600-762 Lagos
Telf: +351 282 762 901

R. Dr. José Francisco de Matos Nunes
da Silva, Lt 5, Lj A • 8600-774 Lagos
Telf: +351 282 770 050

ACORDOS e PARCERIAS

Para mais informações, consulte os nossos serviços

- ADSE
- Imagiologia
- Multicare
- Sad/PSP
- Liga Combatentes
- ARS Algarve
- RedeMut
- SAMS/Quadros
- ADE-Serviços Odontológicos
- Advance Care/Wells

Números

Contabilidade & Gestão, Lda

**Rua D. Diogo de Sousa, Lote 21 – C/V Esqª 8600-571
LAGOS**

Telef. 282770190 Fax 282770199

e-mail: nnumeroscontabilidade@gmail.com

Contabilidade, Geral e Analítica | Gestão de Imobilizado | Estudos Económicos |
Salários e Gestão de Pessoal | Consultoria Fiscal |
Apoio à elaboração de Declarações Fiscais Pessoais - IRS

2 DESTES PELUCHES SÃO FEITOS A PARTIR DE PLÁSTICO RECIKLADO!

Intermarçhê
LAGOS ALJEZUR ALVOR

OS MEUS ANIMAIS DO ZOO DE LAGOS

6 PELUCHES PARA COLECIONARES!
DE 16/12/2020 A 15/03/2021

O VALOR ANGARIADO COM ESTA COLEÇÃO REVERTE A FAVOR DE PROJETOS DE CONSERVAÇÃO DA VIDA SELVAGEM PARCEIROS DO ZOO DE LAGOS!



ESTAMOS AQUI PARA SI

**CONTINUAMOS ABERTOS
PARA CONSULTAS E TRATAMENTOS**

**HORÁRIO: DURANTE A SEMANA DAS 9h00 ÀS 19h00
SÁBADOS DAS 9h00 ÀS 13h00**

**FERIADOS DAS 09h00 ÀS 13h00
DOMINGOS E NOITES – MÉDICO E ENFERMEIRA DE CHAMADA**

**SEMPRE QUE POSSÍVEL CONTACTE 282 780 700 OU 919 869 700
ANTES DE SE DIRIGIR À CLÍNICA**

**Devido à pandemia, os serviços da Medilagos foram
temporariamente transferidos para a Luzdoc**

www.luzdoc.com



ANA CUSTÓDIO

Doula * Conselheira em aleitamento materno

Se desejas fazer as melhores escolhas para o teu bebé, para ti e para toda a família, imagina que encontras a informação fidedigna que tanto precisas, a clareza do que é melhor para vocês e o apoio respeitoso que mereces para te sentires uma mãe mais confiante e tranquila.

ONLINE * PRESENCIAL

ANACUSTODIO.PT * whatsapp +351 962467868



Recordar as papas mouras

em dia de morte de porco num «monte» algarvio



A envolver os temperos no antigo alguidar de barro, com a carne destinada à confecção das morcelas

No último fim-de-semana de Dezembro, com a Lua em quarto crescente (segundo tradição antiga para «*não dar quebrante*» à carne dos enchidos), fomos convidados a participar numa morte de porco «*tradicional*».

A fogueira não aquecia o suficiente nessa manhã fria, pelo que se saudou a vinda de um belo medronho caseiro, que foi bebido em copinhos pequenos.

Com o suíno já morto, chegou a hora de o chamuscar com um maçarico (antigamente usava-se tojo para esta tarefa) e depois raspar a pele e cortar pêlo («*fazer a barba*», diz-se).

Chegados à hora do almoço de sábado e com o porco aberto em cima de uma mesa, aguardando que a carne arrefecesse para vir a ser cortada durante a tarde, serviram-nos uma cachola (os «*bofes*» do animal), com batatas cozidas.

No domingo, impacientes pelo prometido jantar, com toda a carne devidamente cortada e separada, com as morcelas cozidas e as chouriças a caminho do fumeiro, aguardávamos por uma iguaria

que não degustávamos há muitos anos: refiro-me às extraordinárias papas mouras, receita que aqui se partilha:

Receita de papas mouras:

As papas mouras são confeccionadas assim: coloca-se num recipiente (de barro, de preferência) a água da cozedura das morcelas de porco e deixa-se ferver (se se usar o fogo a lenha como o que foi utilizado nesta refeição, tanto melhor).

A pouco e pouco, com cuidado para não criar grumos, junta-se a esta água, aos poucos, a farinha de milho, que se mexe muito bem com uma colher grande, de pau. É importante realçar que não se acrescenta mais sangue ao caldo, pois este e os cominhos já estão incorporados nos temperos.

Faz-se aqui um parêntesis para se recordar que em tempos idos, estes condimentos eram conhecidos como os «adubos» e constavam de cinco especiarias: pimenta, cominho, colorau, cravinho e malagueta e podiam ser comprados em mercearias, ou «vendas», em pequenos cartuchos de papel. Era pela sabedoria

ancestral das cozinheiras, nossas avós e bisavós que da mistura destes «adubos», que das suas mãos mais fiéis que muitas balanças, se temperavam as carnes para os enchidos.

De volta ao fogo de lenha do nosso improvisado fogão de «*tijolo de burro*» e às papas mouras, basta deixá-las ferver até estarem devidamente cozinhadas. São acompanhadas com «piques» de carne de porco, que tinha sido cortada em cubos e temperada de véspera com massa de pimentão, alhos, vinho e sal. Por fim, foi frita numa frigideira, com banha de porco caseira, pois claro.

Embora tenham um gosto muito peculiar e possam não ser do agrado da larga maioria dos comensais menos afoitos a paladares mais «ousados» (digamos assim...), fomos presenteados, mais uma vez, com um prato do nosso maior agrado, e que pelos seus «*invulgares*» ingredientes é bastante raro e difícil de o degustarmos nestes dias do sinistro suposto «*politicamente correcto*».

Epicuro

De pequenino...

Desafios actuais na maternidade



O ano de 2020 foi o mais inesperado que alguma vez já vivemos, ninguém ficou indiferente e para os recém pais veio acompanhado de uma grande dose de incertezas e dúvidas.

Acompanhei muitas mulheres e casais na fase da gravidez, parto e amamentação e percebi os seus maiores desafios. Deixo aqui os desafios, mas acima de tudo algumas dicas que fizeram a diferença e que, no momento que continuamos a viver, podem ajudar futuros pais.

Gravidez

As mulheres nesta fase tiveram que enfrentar as consultas, exames médicos e quaisquer idas a serviços de saúde, sozinhas, sem a possibilidade de terem o seu companheiro consigo fosse para estar presente fosse para tomar decisões importantes.

As aulas de preparação para o parto presenciais foram na sua maioria canceladas, mas a informação e preparação é poder daí que os programas online tenham sido a alternativa encontrada e com muito sucesso.

DICA: Não podendo estar presente em todos os serviços, podem procurar fazer as ecografias numa clínica que aceite que o pai entre.

Parto

Este foi talvez o tema mais falado, na área da maternidade. Ter o acompanhan-

te escolhido pela mãe é um direito consagrado na lei e que de um momento para o outro foi retirado. As mulheres viram-se sozinhas num momento em que tanto precisam de apoio emocional, mais do que físico e os pais por outro lado, viram-se afastados de um momento tão especial quanto é o nascimento de um filho. Felizmente têm surgido mudanças e cada mulher que exige os seus direitos está a fazer caminho por todas as outras. *ver caixa

DICA: Com a possibilidade de entrada do pai na sala de parto, no período expulsivo, a **preparação e conhecimento** sobre o parto, dão à mulher ferramentas para ficar em casa o máximo de tempo e ir para o hospital apenas quando estiver mesmo perto do nascimento do bebé.

Essencial, fazer um PLANO DE PARTO.

Visitas ao recém nascido

Por norma já é um assunto delicado, as mães sentem que muitas vezes são invasivas e cansativas mas não sabem como gerir essa situação.

Com a pandemia foi mais fácil gerir, já que as visitas ao recém nascido no hospital estão proibidas e em casa também são desaconselhadas, mas trouxe outras questões para a mãe.

A mãe viu-se muitas vezes ainda mais sozinha e com um recém nascido nos

braços, com receios e dúvidas foi essencial ter apoio à distância de um click.

DICA: Fazer video-chamadas para a família, manter contacto com as pessoas mais próximas, ter alguém de confiança (de preferência sempre a mesma pessoa) que ajude com compras ou tarefas de casa, ter **apoio online na amamentação e cuidados ao bebé.**

Associação Portuguesa pelos Direitos da Mulher na Gravidez e Parto

Informação actualizada sobre toda esta temática, entrevistas, artigos de opinião, petições e muitas ferramentas que podem ser úteis nesta fase.



Ana Custódio

Site: <https://anacustodio.pt>

Youtube: Ana Custódio

Instagram: Ana Custódio

e-mail: ac@anacustodio.pt

Ouidos, para que vos quero

Duos, Sonatas e Serenatas

pela Orquestra Clássica do Sul, em Lagos



Integrado no Ciclo de Música de Câmara, o Agrupamento de Música de Câmara da Orquestra Clássica do Sul apresenta no auditório Duval Pestana, no Centro Cultural de Lagos, em 21 de Janeiro de 21, pelas 19 horas «Duos, Sonatas e Serenatas».

O preço do ingresso é de 6 euros (com os habituais descontos) e o Centro Cultural de Lagos oferece estacionamento gratuito no Parque de Estacionamento da Frente Ribeirinha - Avenida dos Descobrimentos.

Para a obtenção do referido desconto, basta que o utente apresente na recepção do parque, o bilhete do espectáculo a que assistiu no CCL (a oferta diz apenas respeito a uma hora antes até uma hora depois de cada espectáculo).

Serão interpretadas as seguinte peças musicais: de Ludwig van Beethoven

(1770 - 1827) o «Duo para violino e violoncelo nº 1, Woo 27», de Francis Poulenc (1899 - 1963) a «Sonata para clarinete e fagote» e de Alfredo Casella (1883 - 1947) a «Serenata, op. 46».

O Agrupamento de Música de Câmara, da Orquestra Clássica do Sul é constituído por Pedro Nuno (clarinete), Joaquim Moita (fagote), João Mogo, (trompete), Zachary Spontak (violino) e Mikhail Shumov (violoncelo).

Segundo informação institucional, «Fundada em 2002 como Orquestra do Algarve, torna-se Orquestra Clássica do Sul (OCS) em Setembro de 2013, com o objectivo de levar a sua missão às regiões do Algarve, do Alentejo e da Península de Setúbal em Portugal e da Andaluzia em Espanha, oferecendo uma programação diversificada e de elevada qualidade artística. A OCS tem como funda-

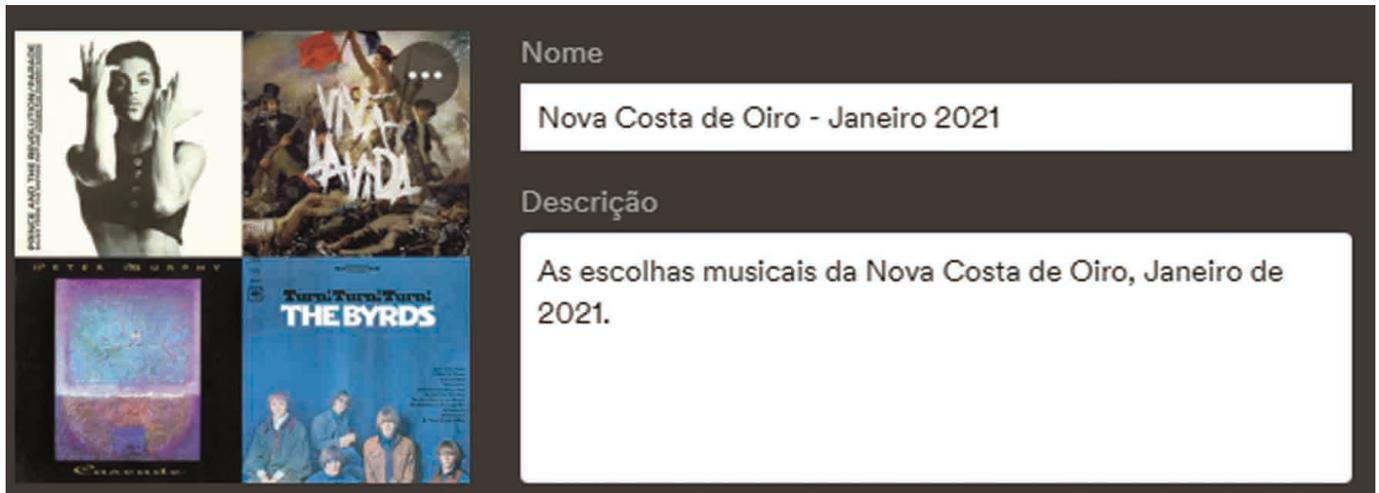
dores, além do Turismo do Algarve e da Universidade do Algarve, as autarquias algarvias de Albufeira, Faro, Lagos, Loulé, Portimão e Tavira. Os municípios de Alcoutim, Almodôvar, Castro Marim, Évora, Lagoa, São Brás de Alportel, Serpa e Silves, e a Universidade de Évora são também associados».

«Os Ciclos de Música de Câmara são uma aposta constante na programação, proporcionando maior oferta e diversidade de concertos neste âmbito musical.

O ciclo reveste-se de um enorme grau de importância, na medida em que visa aprofundar um repertório diferente do repertório orquestral, mas ao mesmo tempo fundamental para o desenvolvimento artístico da música de conjunto. Por outro lado, é também objectivo deste ciclo levar a música a outros espaços, menos convencionais».

Ouvidos, para que vos quero

A nossa música no SPOTIFY



A nossa playlist de Janeiro de 2021 (as mais escutadas no ano de 2020)

Em finais de Dezembro e à semelhança de anos anteriores, a plataforma de música Spotify compilou as 100 músicas e artistas mais ouvidos das 12 nossas playlists de 2020, cada uma correspondendo a um mês desse ano.

Destas, seleccionámos as 31 que compõem a nossa playlist de Janeiro de 2021 e que poderão ser escutadas clicando na ligação disponível.

Do Rock/Pop anglófono, à música em português adocicado que nos chega do Brasil, passando pelas Caraíbas (Cuba, Jamaica, Martinica e Guadalupe), pelo Jazz e pelo Fado, são enormes os músicos e artistas que temos divulgado neste espaço dedicado à música. Entre estes, gostaríamos de destacar os nomes de Carlos Paredes, Vera Lynn, Frank Sinatra, Guillermo Portables, Compay Segundo ou Chico Buarque de Holanda e Vinicius de Moraes. Embora não constando da playlist deste mês, Amália Rodrigues acompanhou-nos musicalmente ao longo do ano que passou.

Terminamos esta selecção musical com José Mário Branco e «Eu Vim de Longe, Eu Vou Para Longe», recordando o passado, de olhos abertos para o futuro.

<https://open.spotify.com/playlist/6FG8gA3diIMZhHFbbi1CZB?si=BFuolI5TkKXnmDJTS3-w>

- 01 – Sometimes It Snows In April – Prince
- 02 – Viva la Vida – Coldplay
- 03 – The Scarlet Thing in You – Peter Murphy
- 04 – Turn! Turn! Turn! – The Byrds
- 05 – La Bamba – Los Lobos
- 06 – Soy Loco Por Ti América – Caetano Veloso
- 07 – Tarde Em Itapoan – Vinicius de Moraes
- 08 – Águas de Março – Elis Regina
- 09 – Tanto Mar – Chico Buarque de Holanda
- 10 – Águas Abril – Bebe & Luis Pastor
- 11 – Quando Sali de Cuba – Guillermo Portables
- 12 – Voy pa Mayarí – Compay Segundo
- 13 – Como la Avellaneda – Compay Segundo
- 14 – Nacido El Diez de Abril – Patxi Andion
- 15 – Adios Rios, Adios Fuentes – Amancio Prada
- 16 – Canto do Rio – Carlos Paredes
- 17 – Trova do Vento que Passa – Carlos Paredes & Manuel Alegre
- 18 – Sei de Um Rio – Camané
- 19 – Os Búzios – Ana Moura
- 20 – O Fado da Procura – Ana Moura
- 21 – Ao Longo de Um Claro Rio de Água Doce – Susan Palma-Nidel
- 22 – Rema – Brigada Victor Jara
- 23 – Moon River – 2Cellos
- 24 – Moon River – Frank Sinatra
- 25 – White Cliffs Of Dover – Vera Lynn
- 26 – Kaya – Bob Marley
- 27 – Syé Bwa – Kassav'
- 28 – Zouk-la Sé Sel Médikaman Nou Ni – Kassav'
- 29 – Se Pou Nou – Zouk All Stars
- 30 – Kolé Seré – Jocelyne Beroard
- 31 – Eu Vim de Longe, Eu Vou Para Longe – José Mário Branco

«Quando eu era Criança»



José Francisco Rosa

A Nova Costa de Oiro tem o grato prazer e a honra de publicar em exclusivo algumas memórias de um lacobrigense de 96 anos, compiladas em trabalho de circulação restrita. Este é um revisitar de Lagos em décadas passadas, de traquinices e tropelias. Mas, e acima de tudo, é um importante registo histórico, que pode e deve servir para memória futura.

O seu autor é José Francisco Rosa, nascido em Lagos, a 21 de Fevereiro de 1924 e que completou os seus estudos em Lisboa, tendo ingressado no ensino aos 20 anos, como Mestre do Ensino Técnico Profissional.



«Quando eu era Criança»

**Exclusivo Nova Costa de Oiro:
novo livro de José Francisco Rosa**

É com profunda satisfação e em exclusivo da revista Nova Costa de Oiro, que damos início nesta edição à publicação de alguns textos que integram o mais recente livro do nosso colaborador José Francisco Rosa, intitulado «Quando eu era Criança».

Neste trabalho de 124 páginas, o autor retrata-nos algumas ruas da cidade de Lagos (com destaque para as localizadas próximas da sua residência, na Rua da Senhora da Glória), como a conheceu entre os anos de 1930 e 1937 e de algumas pessoas que lá residiam.

«A Rua», não obstante a ausência de saneamento básico era, então, o enorme pátio de recreio da criança. Da Rua da Barreira à do Cemitério, do Largo da Henriqueta à Rua Nova da Aldeia, passando pela dos Moinhos, ou pelo Largo e Rua da Senhora da Glória até ao Cerro das Mós, são muitas as brincadeiras que aí tiveram lugar e relatadas neste livro.

Ao autor, o nosso agradecimento pela oferta deste livro e a sua autorização para dele publicarmos alguns textos, que irão enriquecer a Nova Costa de Oiro.

--- QUANDO EU ERA CRIANÇA ---

PRÓLOGO

É preciso ter vivido muito tempo para reconhecer quão curta é a vida.

Arthur Schopenhauer

É precisamente este pensamento que fez com que neste livro sejam divulgados alguns aspectos de ruas e de algumas das brincadeiras da miudagem e locais onde se desenrolaram na década dos anos 30/37.

José Rosa
2020

«Quando eu era Criança»

Algumas ruas e suas gentes

Rua da Barreira



Era eu criança, residia nos limites da parte norte da cidade de Lagos, fora das muralhas e bem junto ao campo, num 1º andar da Rua da Barreira, paralela à Rua do Cemitério, próximo das ruas: Nova, Moinhos, Largo e Rua da Senhora da Glória e de um monte, conhecido por Cerro das Mós.

A Rua da Barreira

Esta rua era um pouco inclinada, começando junto à Rua do Cemitério, apenas separada, até uma pequena distância por um muro, indo desembocar na Rua da Aldeia, ou rua da ladeira, como os miúdos a conheciam. Ao chegar à residência dos Santarém, fazia um desvio para a direita, que terminava mesmo ao cimo da Rua dos Burros, ou da Capelinha, indo entroncar-se novamente com a Rua do Cemitério.

Nesta rua residiam o sr. João Pedro, dono do andar onde eu morava no 1º andar e no r/c um sapateiro. Seguia-se a fábrica de conservas do Pagarete e várias casas térreas, entre elas a dos Santarém. Este Santarém possuía um carro de bestas, com o qual governava a vida.

Os outros moradores, geralmente tra-

balhavam na construção civil e as mulheres nas várias fábricas de conserva

de peixe que existiam na zona.

Tudo gente de condição humilde.



Jogo do lenço

A cena passa-se no mesmo local das cantigas, pois aí há espaço suficiente para a miudagem fazer uma roda, mas com as mãos descaídas.

Seguidamente, um dos componentes do grupo fica de fora e, com um lenço na mão, contorna os colegas, dizendo uma lenga-lenga, assim: **[Aqui vai o lenço [Aqui vai o lenço [Aqui vai o lenço [Aqui vai o lenço**

A determinada altura, discretamente, deixa cair o lenço junto dos calcanhares de um dos membros do grupo.

Este, de costas, tem de se aperceber que o lenço está por trás de si e, agarrando-o, corre para apanhar o que deixou cair o lenço.

Se o apanhar, ocupa o seu lugar; não conseguindo apanhá-lo, será ele a andar à volta do grupo para deixá-lo cair atrás de outro miúdo ou miúda.

José Francisco Rosa

Inter**mar**chê

H I P E R

O SEU QUIOSQUE

Exponha os seus trabalhos, divulgue projetos e eventos na nossa galeria!



Artesanato • Doçaria Regional • Sustentabilidade
Solidariedade • Educação

ALUGUER GRATUITO

Envie-nos o seu projeto para marketing@intermarchelagos.com